



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS

**O USO DA REDE SOCIAL INSTAGRAM COMO ESPAÇO DE (RE)CONSTRUÇÃO
E VEICULAÇÃO DA MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DO PERFIL @BENÇA_DOCS E
AS NARRATIVAS DE BENZEDEIRAS E REZADEIRAS NO MEIO DIGITAL**

ANA CECÍLIA DE SOUSA FÉLIX

CAMPINA GRANDE – PB

2025

ANA CECÍLIA DE SOUSA FÉLIX

**O USO DA REDE SOCIAL INSTAGRAM COMO ESPAÇO DE (RE)CONSTRUÇÃO
E VEICULAÇÃO DA MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DO PERFIL @BENÇA_DOCS E
AS NARRATIVAS DE BENZEDEIRAS E REZADEIRAS NO MEIO DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

CAMPINA GRANDE – PB

2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA-CH
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900
Telefone: (83) 2101-1200
Site: <http://ch.ufcg.edu.br> - E-mail: assadm@ch.ufcg.edu.br

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 09 dias do mês de setembro do ano de 2025 às 14:30 horas, na sala 102 do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, teve início a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História da aluna **ANA CECILIA DE SOUSA FÉLIX**, sob o título **O uso da rede social instagram como espaço de (re)construção e veiculação da memória: uma análise do perfil @bença_docs e as narrativas de benzedeadas e rezadeiras no meio digital.**

A Banca examinadora foi composta pelos professores:

Nome Completo	Titulação	Função
SILÊDE LEILA OLIVEIRA CAVALCANTI		Orientador(a)
RODRIGO CEBALLOS		Membro
LUCIANO MENDONÇA DE LIMA		Membro

Concluída a apresentação da defesa pelo(a) discente, os professores passaram a análise do trabalho produzido. Após as considerações finais, a Banca deliberou pela **APROVAÇÃO** do Trabalho de Conclusão de Curso da discente **ANA CECILIA DE SOUSA FÉLIX** com nota 10,0 (Dez).

Campina Grande, __09 / __09 / 2025__.



Documento assinado eletronicamente por **SILEDE LEILA OLIVEIRA CAVALCANTI, COORDENADOR(A) DE GRADUACAO**, em 01/10/2025, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RODRIGO CEBALLOS, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/10/2025, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCIANO MENDONCA DE LIMA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 13/10/2025, às 18:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **5890940** e o código CRC **20A044D6**.

Dedico este trabalho às mulheres que são meu alicerce e minha luz: à minha Mainha, presença viva que me ampara, e à minha Avó (*in memoriam*), que agora habita o sagrado, mas nunca deixou de estar comigo. Entre o chão da vida e o mundo espiritual, sigo amparada por suas mãos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a mim mesma, por ter permanecido em pé, mesmo quando as tempestades internas ameaçavam me arrastar. Por ter seguido adiante, mesmo nos dias em que a mente sussurrava que era hora de desistir. A admiração que nutro pelo curso de História e pela Educação foi meu farol em meio ao nevoeiro, e aprendi, no processo, que a força que me sustenta vai muito além de mim, é espiritual. A ela devo reverência. À força invisível que me guia, ao Orixá que guarda minha cabeça, às entidades que acolheram meu pranto silencioso e me embalaram nas madrugadas de cansaço. A elas, meu axé mais profundo.

Agradeço, com o coração cheio de gratidão e todo carinho, à minha mãe, que mesmo à distância sempre esteve presente com suas palavras de incentivo e suas bênçãos, que tanto me fortaleceram. À minha avó (in memoriam), minha grande inspiração, que desde cedo me guiou pelos caminhos da educação e acreditava, com fé firme, que por meio dela eu poderia voar longe.

Também não posso deixar de agradecer à minha tia Lícia, cuja presença foi um verdadeiro amparo nos momentos em que precisei. Sempre que pedi ajuda, ela estava lá, com disponibilidade e com cuidado.

Sou imensamente grata às minhas amigas de longa data, Ana Elisa e Giovanna, que, desde o início, me apoiaram na escolha de trilhar o campo da licenciatura e sempre me acolheram com carinho e um espaço em suas casas nas minhas idas a Campina Grande.

Agradeço também, com ternura, ao meu companheiro, Vagner. Em cada linha desta pesquisa, há um pouco de você, em cada conquista acadêmica, um reflexo do seu apoio. Minha trajetória se entrelaça à sua, e minha vida tem tudo de nós dois juntos. Obrigada por ser o silêncio que me conforta e o amor que me ancora. Amo-te.

Também sou grata pelas amizades que construí durante essa fase transitória da vida, em especial às queridas Gilmara, Débora e Laura, cuja companhia tornou esse caminho mais leve e significativo.

Agradeço, com profunda admiração, à minha orientadora, professora Silêde Leila, que esteve presente em diversos momentos da minha trajetória acadêmica, na sala de aula, no PIBID e, agora, na orientação desta monografia. Não poderia ter sido outra mulher senão você, firme e sensível, exatamente como esse processo exigia.

Escrevo também para agradecer ao meu amigo Luís, que esteve presente em minha formação educacional desde o ensino fundamental. Nossa amizade se fortaleceu nos tempos intensos da adolescência, quando sua presença nas aulas sempre me alegrava. É uma pena não

podermos seguir juntos na área da História, pois sei que estaríamos ganhando um grande profissional. Brincadeiras à parte, tenho certeza de que, onde quer que estejamos, estaremos sempre torcendo um pelo outro.

Aproveito também para agradecer aos meus queridos primos e irmãos, Davi e Marcus. Minha construção pessoal carrega um pouco de vocês, minha infância foi alegre porque foi vivida ao lado de vocês. Obrigada por tornarem minha infância tão feliz.

Agradeço ao professor Me. Paulo de Tarso, pela generosidade em disponibilizar os dados de audiência do perfil @bença_docs, contribuindo para o desenvolvimento do meu trabalho.

Ao professor Dr. José D'Assunção Barros, registro minha gratidão pela valiosa conversa em que pude apresentar a ideia inicial deste trabalho e, sobretudo, pelas referências bibliográficas que ampliaram meu horizonte de estudo.

Agradeço também ao meu amigo Arisu, cuja amizade me possibilitou enxergar uma parte da vida sob um novo olhar, lembrando-me que a vida possui sensibilidade.

Estendo meu reconhecimento ao Sr. Geraldo, pela compreensão e acolhimento durante meu período de morada em Campina Grande, que me permitiram dedicar-me com tranquilidade no meu progresso acadêmico.

Por fim, agradeço profundamente aos professores que contribuíram para minha formação como historiadora. Cada um, à sua maneira, deixou marcas em meu processo de aprendizagem, seja através de suas aulas, orientações ou incentivos. Em especial, agradeço aos professores Rodrigo, Mendonça e Paulo pela dedicação, paciência e rigor acadêmico, que me inspiraram a crescer intelectualmente e a acreditar no potencial da pesquisa histórica. Estendo também meu reconhecimento aos demais professores que me guiaram ao longo dessa jornada, suas palavras, exemplos e ensinamentos ecoarão em minha prática profissional e pessoal, acompanhando-me para além dos muros da universidade.

Aqui nesse Sertão de meu Deus, reside um povo cujo destino é ser curadores das dores da alma e sussurradores de bênçãos ao vento. Em seus olhos, brilha o reflexo do ontem e em seus gestos ecoam os cânticos sagrados de seus ancestrais. Em suas mãos, ásperas como o solo que cultivam, reside o conhecimento de séculos. Mãos que acolhem, que acariciam e que desvelam os mistérios da cura e da proteção. Suas ladainhas, suas rezas, suas "incelências" trazem alívio as almas cansadas e feridas. Até quando o véu entre os mundos se torna só, são eles que erguem enviando bênçãos de paz e conforto aos corações que choram e suspiros de gratidão aos espíritos que vagam.

(Paulo de Tarso Tapety)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o uso da rede social Instagram como espaço de (re)construção e veiculação de memórias de benzedeadas e rezadeiras no ambiente digital, retratadas no perfil @bença_docs, tendo como criador e mediador Paulo de Tarso Tapety, assim esta pesquisa tem como objeto de estudo a rede social Instagram, utilizando as publicações do perfil como fontes para análise. A pesquisa problematiza como essa plataforma digital pode operar na construção das memórias de práticas culturais e espirituais de benzedeadas e rezadeiras do Nordeste Brasileiro, que são tradicionalmente transmitidas pela oralidade. Nesse contexto, compreende-se que tais memórias, ao circularem no ambiente digital, assumem a forma de memórias mediadas, conceito desenvolvido pela pesquisadora José van Dijck, na qual são construídas e compartilhadas por meio de suportes midiáticos, bem como o conceito de memórias prostéticas, trabalhado por Alison Landsberg, mediante as quais se torna possível a absorção de experiências não vividas diretamente, mas acessadas por narrativas digitais. Para tanto, apoio – me em fundamentos teóricos e metodológicos de autores como José D’Assunção, Anita Luchessi e Debora El-Jaick Andrade, na qual articulo debates referente a Historiografia Digital, bem como métodos de leitura de fontes nascidas digitalmente. Desse modo, emprego a leitura multimodal como metodologia, fundamentada no aporte teórico da historiadora Débora Andrade, examinando textos, imagens, vídeos, sons, interações e dados de audiência do perfil entre os meses de maio de 2024 até meados de agosto de 2025. Evidencia – se, portanto, que mesmo em meio à efemeridade e instabilidade próprias das redes sociais, o Instagram pode desempenhar papel relevante na (re)construção e veiculação de memórias vivas, reforçando identidades coletivas e promovendo reconhecimento social de práticas ancestrais.

Palavras – chaves: História Digital; Fontes digitais; Memórias Mediadas e Prostéticas; Instagram; Benzedeadas e Rezadeiras.

ABSTRACT

This work aims to analyze the use of the social network Instagram as a space for (re)constructing and disseminating the memories of faith healers and prayer healers in the digital environment, portrayed on the profile @bença_docs, created and mediated by Paulo de Tarso Tapety. Thus, this research focuses on the social network Instagram, using the profile's posts as sources for analysis. The research problematizes how this digital platform can operate in the construction of memories of cultural and spiritual practices of faith healers and prayer healers from Northeast Brazil, which are traditionally transmitted orally. In this context, it is understood that such memories, when circulated in the digital environment, take the form of mediated memories, a concept developed by researcher José van Dijck, in which they are constructed and shared through media supports. This concept is similar to the concept of prosthetic memories, developed by Alison Landsberg, through which the absorption of experiences not directly experienced but accessed through digital narratives becomes possible. To this end, I draw on the theoretical and methodological foundations of authors such as José D'Assunção, Anita Luchessi, and Debora El-Jaick Andrade, in which I articulate debates regarding Digital Historiography, as well as methods for reading digitally born sources. Thus, I employ multimodal reading as a methodology, grounded in the theoretical contributions of historian Débora Andrade, examining texts, images, videos, sounds, interactions, and audience data from the profile between May 2024 and mid-August 2025. Therefore, it is evident that even amid the ephemerality and instability inherent to social media, Instagram can play a relevant role in the (re)construction and dissemination of living memories, reinforcing collective identities and promoting social recognition of ancestral practices.

Keywords: Digital History; Digital Sources; Mediated and Prosthetic Memories; Instagram; Healers and Prayer Women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Screenshot da página inicial do site <i>Memorecord</i>	18
Figura 2 – Screenshot da página inicial de <i>Povos Indígenas no Brasil</i>	19
Figura 3 – Screenshot da capa do Podcast “Vidas Negras”.....	20
Figura 4 – Screenshot da última publicação de Kevin Systrom no Instagram	25
Figura 5 – Logos do Instagram	26
Figura 6 – screenshot de destaque do Instagram	32
Figura 7 – Screenshot de destaque do Instagram	32
Figura 8 – Screenshot do perfil memorial de @thecameronboyce.....	33
Figura 9 – screenshot da notificação que confirma a conversão do perfil @thecameronboyce em uma conta memorial.....	33
Figura 10 – Screenshot de comentário.....	34
Figura 11 – Imagem de Dona Socorróna.....	42
Figura 12 – Fotografia de Dona Tomázia.....	45
Figura 13 – Fotografia de Dona Jovita.....	47
Figura 14 – Screenshot das principais cidades que acessam o perfil.....	49
Figura 15 – Screenshot dos principais países que acessam o perfil.....	49
Figura 16 – Screenshot do gênero que mais acessa o perfil	50
Figura 17 – Screenshot de comentário.....	50
Figura 18 – Screenshot de comentário.....	50
Figura 19 – Screenshot das principais faixas etárias que acessam o perfil	51
Figura 20 – Screenshot da Biografia do perfil	51
Figura 21 – Screenshot do post do perfil @bença_docs.....	52
Figura 22 – Screenshot da capa do reels.....	53
Figura 23 – Screenshot do reels onde Dona Tomázia prepara um banho de limpeza espiritual	54
Figura 24 – Screenshot de Tarso banhando – se com um preparo de ervas para a limpeza espiritual	55
Figura 25 – Screenshot da filmagem do altar	55
Figura 26 – Screenshot do recorte da planta que representa o Orixá Iansã.....	55
Figura 27 – Screenshot do recorte da planta que representa o Orixá Ogum.....	56
Figura 28 – Screenshot da criança pedindo a bença a Dona Tomázia	56

Figura 29 – Screenshot de comentário.....	57
Figura 30 – Screenshot de comentário.....	58
Figura 31 – Screenshot do post divulgando a estreia do documentário em um evento.....	58
Figura 32 – Screenshot da capa do reels.....	60
Figura 33 – Screenshot de comentário.....	61
Figura 34 – Screenshot da capa do reels.....	62
Figura 35 – Screenshot da capa do reels.....	63
Figura 36 – Screenshot da capa do reels.....	64
Figura 37 – Screenshot do discurso de Tarso referente ao dia de São Sebastião	65
Figura 38 – Screenshot do feed do perfil @bença_dcos.....	67

LISTA DE ABREVIÇÕES

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários

IA's - Inteligência Artificial

CMDA - Análise de Discurso Mediada pelo Computador

GLOSSÁRIO

Feed: Espaço principal de visualização e navegação no Instagram, no qual são exibidas as publicações dos perfis seguidos pelo usuário, organizadas por ordem cronológica ou por relevância determinada pelo algoritmo da plataforma, sendo considerado o painel inicial da rede social.

Storie: Recurso do Instagram que permite a publicação de imagens, vídeos, textos ou outros elementos visuais com duração temporária de 24 horas.

Destaques: Recurso da plataforma que permite ao usuário fixar stories permanentemente em seu perfil, organizados em categorias personalizadas.

Reels: Lançada em 2020, possibilita a criação e compartilhamento de vídeos curtos, geralmente de até 90 segundos, com edições, efeitos sonoros, trilhas musicais e recursos interativos. O formato tem grande alcance em audiência, pois é amplamente impulsionado pelo algoritmo da plataforma.

Direct: Permite conversas diretas e rápidas entre os usuários, podendo ser utilizada individualmente ou em grupo, enviando textos, imagens, vídeos, áudios e até compartilhamentos de publicações do feed, stories ou reels.

Lives: Transmissões ao vivo realizadas diretamente pelo Instagram, possibilitando interação em tempo real entre o mediador do perfil e os seguidores, podendo comentar, enviar reações ou participar da transmissão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 HISTORIOGRAFIA DIGITAL: CONCEITO, MÉTODOS E DESAFIOS	14
2 O INSTAGRAM COMO ESPAÇO DE (RE)CONSTRUÇÃO E VEICULAÇÃO DE MEMÓRIAS	24
2.1. Breve História e funcionamento da rede social Instagram.....	24
2.2 “Reinventar a memória é preciso”: memória digital e mediação do passado.....	27
2.3 Metodologia aplicada a análise de conteúdos digitais	34
2.3.1 Apresentação e histórico do campo de pesquisa e natureza das fontes	35
3 A MEMÓRIA ANCESTRAL PRESENTE NAS PRÁTICAS DE CURA DAS BENZEIDEIRAS E REZADEIRAS	37
4 O PERFIL @BENÇA_DOCS: REESCREVENDO MEMÓRIAS ANCESTRAIS NO AMBIENTE DIGITAL	42
4.1. O projeto bença: inspirações, mediadores e concepções estéticas.....	42
4.2. Análise das fontes de audiência do perfil @Bença_docs no Instagram	48
4.3. Análise multimodal do perfil @bença_docs no Instagram.....	51
5 ENTRE O QUE FICA E O QUE SE TRANSFORMA	69
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

Com o advento e a consolidação da internet surge uma gama de novas possibilidades de fontes para o ofício do historiador. No entanto, deve – se salientar, que a leitura dessas possíveis fontes digitais se torna um trabalho árduo, pois é um espaço de constantes mudanças e representações diferentes, especialmente quando se trata de fontes voltadas para a memória individual e coletiva. Algo que se passa muitas vezes despercebido, é que a internet é fruto e criação do ser humano, e por consequência, o smartfone que carregamos conosco na palma da mão ou até mesmo o notebook repousado sobre a mesa, reflete em sua estrutura mecânica, a natureza efêmera que caracteriza o ser humano.

Apesar da proximidade simbiótica que possuímos com a tecnologia, digamos quase compactada aos nossos corpos, uma grande parte dos historiadores ainda não reconhece o potencial da internet e o que ela produz como um objeto de estudo (LUCCHESI, 2022). Apesar de existir certa resistência, especialmente no campo da memória, pode – se encontrar pesquisas realizadas em revistas e dossiês, até mesmo Laboratórios de Pesquisa que vêm tentando romper com essa barreira teórica e epistemológica. Produções acadêmicas que adotam a rede social Instagram como objeto de estudo, reconhecem as plataformas digitais não apenas como meios de comunicação, mas como espaços de produção de identidade e memória. A partir disso, este trabalho tem como finalidade analisar como a plataforma digital Instagram pode ser utilizada como ferramenta de veiculação e (re)construção de memórias e identidades.

A internet, enquanto espaço de constantes transformações, traz consigo uma indagação ao historiador, como as plataformas digitais, a exemplo do Instagram, atuam na dinâmica de (re)produção e circulação da memória, mesmo sem serem arquivos formais? Segundo Anita Lucchesi, ainda não foi criado uma espécie de arquivo digital que possa comportar todos os documentos nascidos na internet, diferentemente do documento palpável, que é guardado em um local físico específico para sua durabilidade. Dessa forma, o arquivo digital se torna fluido e instável, a exemplo da rede social Instagram na qual será analisada no decorrer deste trabalho, as postagens compartilhadas nessa plataforma digital podem ser arquivadas, excluídas, hackeadas ou até mesmo reinterpretadas ao longo do tempo.

Independentemente de não possuímos um repositório oficial desses documentos nascidos digitalmente, a rede social Instagram apresenta – se como um espaço virtual para compartilhar memórias e construir identidades. A partir disso, mesmo não sendo um arquivo tradicional, ou seja, não possuindo curadoria especializada, organização com metadados que

garante autenticidade e acesso a longo prazo, o Instagram proporciona uma forma de registro e disseminação que confere visibilidade e permanência temporária à memória.

Essa ideia, se vincula ao conceito da pesquisadora canadense Wendy Hui Kyong Chun, que descreve a temporalidade das novas mídias como “efêmero duradouro”. Ou seja, a pesquisadora descreve as mídias digitais, possuidora de polos opostos, não sendo totalmente efêmeras nem duradouras de forma constate. Esse conceito, retrata em como a memória no âmbito digital é um processo de veiculação e circulação ativa em constante transformação.

No entanto, essa rede social também é utilizada para disseminar desinformação, como as chamadas fake news, além de discursos de ódio e misoginia. Dessa forma, mesmo as redes sociais sendo utilizadas como estímulo para liberação de dopamina no cérebro (ANNA LEMBKE, 2022), é a capacidade humana de utilizar essas plataformas que permite desempenhar um papel significativo no meio educacional, no patrimônio digital, além de compartilhar projetos que contribuam com a sociedade, e até mesmo com a historiografia, gerando uma circulação de novos sentidos.

Para isso, será explorado o perfil @bença_docs, cujo propósito é compartilhar a história de rezadeiras e benzedadeiras da região Nordeste do Brasil. A iniciativa deste projeto realizado por Tarso Tapety¹ tem como objetivo o desenvolvimento de minisséries documentais com o desígnio de resgatar histórias e tradições de nossos antepassados, fazendo – nos ter uma compreensão mais profunda da construção da nossa identidade cultural e relembrando memórias afetuosas. A partir disso, busco analisar nesta pesquisa, como Tarso Tapety, criador e mediador do perfil @bença_docs aplica os conceitos de memória e ancestralidade no ambiente digital.

A motivação para escrever sobre essa temática surgiu a partir de um trecho desse minidocumentário, assistido na plataforma digital TikTok, que me fez questionar o uso das redes sociais. Esses espaços servem apenas para a exposição excessiva da vida privada de indivíduos cronicamente ativos em mídias digitais? Ao focar nesse aspecto, a pesquisa também se propõe como um gesto de reconhecimento e valorização do saber ancestral praticado por tantas mulheres e homens que, ao longo da vida, dedicam-se ao ofício de curar, rezar e benzer aqueles que cruzam seus caminhos.

¹ Tarso Tapety é professor do magistério superior da Universidade Federal do Piauí, atua no Departamento de Métodos e técnicas de Ensino do Centro de Ciências da Educação (DMTE/CCE – UFPI). Além de, atuar como produtor cultural, ator e artista florianense. Tarso possui graduação em Pedagogia com especialização em Áfricas e suas Diásporas, tendo Mestrado em Educação.

Do ponto de vista teórico e metodológico, este trabalho se baseia nos estudos do historiador José D'Assunção Barros (2022) referente ao novo campo historiográfico, a História Digital. Este trabalho também tem como base os trabalhos teóricos e práticos da historiadora Anita Lucchesi (2022), que realiza uma fusão entre História Digital e Memória, tendo como trabalho prático a construção de um blog que arquiva memórias de imigrantes portugueses e italianos para a cidade de Luxemburgo. Para este trabalho, tomarei como base artigos, dossiês e revistas que tratam de pesquisas sobre benzedeadas e rezadeiras, buscando compreender e discutir suas práticas culturais. Assim, a estrutura do trabalho está organizada em três capítulos, que abordam de forma interligada os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa.

No primeiro capítulo deste trabalho, busco contextualizar e discutir sobre as fontes digitais e seus usos na produção do conhecimento histórico. Para tal propósito, início como o surgimento da internet possui impacto no ofício do historiador, especialmente no que diz respeito ao manuseio de fontes nascidas digitalmente. Nesse percurso, retomo como a historiografia passou a valorizar, ao longo do século XX diferentes tipos de fontes, indo além dos documentos escritos oficialmente. Esse movimento, impulsionado pela Escola dos Annales, abriu caminhos para que novos registros fossem considerados legítimos na construção do conhecimento histórico.

Outrossim, o capítulo tem como cerne central a discussão sobre como o funcionamento das redes sociais alterou as formas de construção e circulação da memória. Trazendo novas possibilidades, bem como desafios que limitam o trabalho do Historiador, como a efemeridade das postagens, a sobrecarga de informação e o funcionamento do algoritmo.

Diante do que foi dito, busco articular uma conexão entre os pensamentos teóricos dos autores Anita Lucchesi, Debora El – Jaick e José D'Assunção Barros, com o objetivo de compreender como essas fontes digitais operam como suportes de memória.

No segundo capítulo tenho como objetivo analisar a rede social Instagram como um espaço de (re)construção, veiculação e circulação de memórias, e ao mesmo tempo, apresentar de forma sutil o perfil @benca_docs como fonte digital. A escolha por essa rede social se justifica pela sua ampla presença no cotidiano da sociedade contemporânea, sendo uma das plataformas mais utilizadas no Brasil e no mundo para o compartilhamento de conteúdos audiovisuais, narrativas pessoais e manifestações culturais. Nesse sentido, compreendê-la como um espaço de produção e circulação de memórias torna-se essencial para os estudos que envolvem a história do tempo presente, sobretudo quando se trata de registrar experiências de grupos sociais historicamente invisibilizados, como é o caso das benzedeadas e rezadeiras.

A investigação parte da premissa de que as redes sociais digitais não são apenas espaços de entretenimento ou comunicação, mas também ambientes significativos para a construção de sentidos sobre o passado, como afirma Anita Lucchesi (2022), ao destacar que a internet é um território de disputas de narrativas e onde a história também se escreve. A partir disso, propõe-se uma análise das postagens realizadas no perfil @benca_docs, utilizando como metodologia a leitura multimodal, conforme recomenda Debora El-Jaick Andrade (2022), na qual a autora enfatiza a necessidade de arquivar dados digitais frente à sua instabilidade e volatilidade.

Além de observar as funcionalidades da plataforma, como o feed, os stories, os destaques e os comentários, a análise também busca compreender como esses recursos técnicos contribuem para a construção de uma memória digital viva. Para isso, são mobilizados os aportes teóricos de autores como José Van Dijck (2007), que propõe o conceito de "memórias mediadas" para compreender como as tecnologias moldam nossas lembranças individuais e coletivas, Mariana Mendonça e Rundsthen Nader (2019), que definem as redes sociais como "museus de si mesmos", ao enfatizarem seu papel na construção das identidades contemporâneas, bem como o conceito de "efêmero duradouro" da pesquisadora canadense Wendy Hui Kyong Chun (2008), que retrata o funcionamento da temporalidade das novas mídias digitais, e por fim trago o conceito da pesquisadora Alison Landsberg (2004), nomeado de "memória próstética" na qual retrata um tipo de memória que surge do encontro de um indivíduo entre um vídeo, foto ou música por exemplo, e esses elementos estão presentes nos meios digitais.

Dessa forma, este capítulo se estrutura em três subcapítulos, o primeiro dedicado à explicação da metodologia de análise do perfil @benca_docs, o segundo à contextualização histórica e técnica da rede social Instagram, e o terceiro à problematização do Instagram enquanto sua circulação e veiculação de memória, compreendendo como essa plataforma atua na (re)construção de saberes ancestrais e práticas culturais tradicionalmente oralizadas, sendo transpostas para o meio digital.

No terceiro capítulo, examino a memória ancestral presente nas práticas de cura de benzedeiras e rezadeiras, ressaltando seu papel como guardiãs de um saber transmitido entre gerações e sustentado por vínculos comunitários, espirituais e afetivos. A partir de pesquisas voltadas a psicologia e, do estudo histórico sobre Pai Manoel, do Historiador Ariosvaldo da Silva Diniz (2009). A partir disso, analiso as dissonâncias entre medicina oficial e saberes populares, marcadas por preconceitos raciais e tentativas de apagamento cultural. Também apresento a dimensão ampliada dessas práticas, que ultrapassam o ato da cura física para incluir aconselhamento, escuta e orientação de vida, como exemplificado nas falas de Dona Tomázia.

Ao evidenciar os desafios e estigmas enfrentados por essas mulheres, o capítulo propõe compreender a benzeção como um ato de resistência e preservação da memória coletiva, que se mantém viva tanto nas benzedeadas e nas práticas de cura quanto nos ambientes digitais.

No quarto e último capítulo, dedico a analisar o perfil @bença_docs e suas publicações como fonte desta pesquisa. Com isso, busco fazer uma catalogação das publicações que trazem conteúdos polifônicos para o perfil com o um todo, e como o criador e mediador do perfil, Paulo de Tarso Tapety, utiliza a rede social Instagram como um espaço para (re)construir memórias de benzedeadas e rezadeiras do Nordeste brasileiro. Para isso, faço uma análise multimodal do perfil, desde sua biografia, comentários, tipos de publicações, interações, bem como a leitura da estrutura das publicações. Ou seja, a análise leva em conta não apenas o texto escrito, mas também imagens, vídeos, comentários, sons e outros elementos que compõem a complexidade das publicações em ambientes digitais.

Além disso, a abordagem teórica se apoia brevemente em conceitos como racismo estrutural, de Silvio de Almeida, evidenciando a análise do discurso de Tarso no perfil, como um ato de reparação e resistência. Ademais, este capítulo dialoga com o conceito de memórias prostéticas, de Alison Landsberg, na qual faz com que o público se conecte com as histórias das benzedeadas, mesmo sem ter vivenciado, transformando o documentário em uma experiência vicária. Por fim, no final do capítulo trago os dados de audiência do perfil @bença_docs, obtidos diretamente pelo administrador da conta, como por exemplo, dados geográficos, de gênero e a faixa etária, oferecendo uma visão enriquecedora para esta pesquisa.

Em suma, esta pesquisa, busca demonstrar como as mídias digitais, como o Instagram podem ser utilizadas como ferramentas de (re)construção e veiculação da memória de benzedeadas e rezadeiras, mesmo sendo utilizadas para entretenimento, e até mesmo disseminando discursos de ódio, misoginia e espalhando fake news, por exemplo. Em linhas gerais, apresento esta plataforma digital como um espaço de visibilidade para recontar histórias que, ao longo do tempo, foram invisibilizadas ou apagadas. O projeto Bença constitui, assim, uma forma de descolonizar o saber.

1 HISTORIOGRAFIA DIGITAL: CONCEITO, MÉTODOS E DESAFIOS

Em seu livro “A Apologia da História”, Marc Bloch escreveu uma das frases mais marcantes para os(as) Historiadores(as), e que de certa forma, nos conduziu no caminho de nossos trabalhos. Bloch assegura que “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele.” p. 79. E, ao observar, as práticas cotidianas contemporâneas, temos como análise e reflexão, o nascimento da internet e suas contribuições e implicações para o homem do século XXI. Diante disso, é necessário refletir sobre como o Historiador do Tempo Presente vem sendo questionado por novas demandas, sobretudo a partir da presença cada vez mais intensa da internet e das tecnologias digitais no cotidiano.

Nesse cenário, emergem novos campos de estudo, como a História Digital, que busca compreender as diversas facetas que a sociedade digital vem delineando, além de propor um olhar, mas afunilado e atento às produções de memória e identidade que estão se formando nas redes sociais e demais plataformas digitais. Este capítulo tem como objetivo compreender os desafios metodológicos e teóricos enfrentados pelo(a) Historiador(a) ao utilizar fontes nascidas digitalmente².

O caminho até a consolidação da História Digital, passou por importantes rupturas e reformulações no pensamento historiográfico. Em meados do século XIX, a chamada Escola Metódica, ou Escola Positivista, representada por autores como Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, propôs a formulação de um método rigoroso que conferisse à história o mesmo estatuto de cientificidade das ciências naturais. Nesse contexto, a famosa afirmação de que “a história é um acionamento de documentos” reflete o paradigma que orientava o trabalho historiográfico: a objetividade, a neutralidade do pesquisador e a primazia da documentação escrita. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946)

Para os metódicos, o historiador deveria se abster de julgamentos de valor e de qualquer envolvimento subjetivo com o objeto de estudo. Acreditava-se que o historiador não era condicionado pelo meio social ou cultural, e que, ao reunir e organizar documentos considerados confiáveis, a verdade histórica emergiria de forma autônoma. A teoria, nesse modelo, era rejeitada por representar uma ameaça à neutralidade científica. Como consequência, apenas fontes escritas eram consideradas legítimas, onde não houvesse documentação escrita, não haveria história possível. O papel do historiador limitava-se a

² Conceituadas de fontes virtuais, são documentos que nascem no ambiente virtual, no ciberespaço. Possuindo uma variedade enorme, como: blogs, sites, chats, e-mail, YouTube, Instagram, Facebook, X, dentre outras.

organizar os fatos documentados em uma sequência cronológica e narrativa, sem interferências críticas ou interpretativas. Esse modelo, fortemente influenciado pelo positivismo de Auguste Comte, visava garantir à história o estatuto de ciência objetiva e empírica, com base na verificação documental e na exclusão de hipóteses.

No entanto, a partir do início do século XX, especialmente com a fundação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre, inaugurou-se uma nova abordagem historiográfica, intitulada a Escola dos Annales. Essa corrente propôs um rompimento com os pressupostos positivistas e defendeu uma renovação metodológica, que incluía a ampliação do conceito de fonte histórica e a incorporação de outras ciências humanas ao processo de análise. (BURKE, P., 1997)

A História passou a ser concebida como um campo interdisciplinar, na qual elementos da geografia, economia, psicologia, antropologia tornaram-se fundamentais para a compreensão dos fenômenos históricos. A centralidade da política e da narrativa factual deu lugar à valorização das estruturas sociais, dos processos de longa duração e da experiência coletiva. Como consequência, o Historiador deixou de ser visto como um simples organizador de documentos e passou a assumir um papel crítico e analítico, investigando os sentidos atribuídos às ações humanas em diferentes contextos temporais. Não apenas houve o nascimento de novos campos historiográficos, como por consequência novos métodos de escrita, novas formas de selecionar fontes e novos sentidos para o ato de escrever a História. As indagações fizeram – se presente no ofício do historiador. Com a Escola dos Annales foi possível bater o martelo para milhares de fontes possíveis de serem pesquisadas, desde uma simples carta enviada por um soldado da guerra a seus familiares, a fotografias e utensílios como um ferro de passar roupa do século XIX. (BURKE, P., 1997)

Nesse contexto, Barros (2022) oferece uma perspectiva histórica, para além do surgimento das Escolas Metódica e Annales, que nos ajuda a situar a chegada da Era Digital no conjunto das grandes revoluções humanas. O autor argumenta que, ao contrário de uma sucessão linear, as eras se sobrepõem e redefinem umas às outras, atribuindo novos significados às formas anteriores de organização social. Como ele afirma:

Ao invés de sucederem uma a outra, as novas eras vão se sobrepondo, e, nesta operação, a que veio por último termina por redefinir as revoluções anteriores e o conjunto de suas consequências, de modo que o mundo agrícola adquire um novo sentido ao ser intercalado pelos ambientes urbanizados, e ambos adquirem novos sentidos na Era Industrial, da mesma maneira que as indústrias e o rural/urbano também irão se apresentar com novas facetas na Era Digital. (BARROS, 2022, p. 30)

Essa reflexão é fundamental para compreendermos como o Historiador do Tempo Presente precisa considerar as continuidades e rupturas entre os tempos históricos, reconhecendo que as plataformas digitais, não apenas ampliam o acesso à informação, a comunicação, a pesquisa, mas também reconfiguram a forma como a memória e a história são ressignificadas no meio digital.

Como destaca Lucchesi (2022), ao recorrer ao pensamento do autor Stefano Vitali, “a internet com seus bancos de dados, softwares, arquivos e bibliotecas online abre uma miríade de questionamentos para os historiadores do nosso século, uma vez que possibilita novas formas de representação do passado e de memória na rede” (LUCCHESI, 2022 apud VITALI, 2005, p. 7). Apesar disso, a autora afirma que mesmo o ser humano estando compactado as redes de computadores e informática, “os historiadores ainda estão distantes da Internet enquanto objeto de estudo” (LUCCHESI, 2022, p. 8), o que evidencia o quanto ainda há a avançar na consolidação metodológica desse novo campo. Nesse cenário, o Historiador do Tempo Presente é convocado a lidar com novas formas de produção de memória que extrapolam os suportes tradicionais, como documentos escritos e arquivos institucionais. Segundo a Historiadora Anita Lucchesi (2022), esse novo ambiente formado pelas redes sociais, os blogs, os fóruns virtuais e outras plataformas digitais tornaram-se espaços onde indivíduos e grupos sociais constroem narrativas sobre si mesmos, registram acontecimentos cotidianos e disputam sentidos sobre o passado. Tais registros, embora marcados pela efemeridade e pela multiplicidade de vozes, configuram um importante acervo de fontes para a historiografia contemporânea, e a sua construção de identidade no tempo presente. Essa efemeridade, inclusive, é apontada como um desafio, ““o escrito ‘virtual’, raramente assinado, oferece, amiúde, para os consumidores, sem que o internauta o saiba, uma história sem historiador” (LUCCHESI, 2022, p. 9). Da mesma forma, frente ao excesso de informações disponíveis online, a autora recorre a Harald Weinrich para lembrar que “devia ensinar a sutil arte da rejeição de informações” (LUCCHESI, 2022 apud WEINRICH, 2001, p. 11). Esse debate também pode ser visto nos escritos de José D’Assunção Barros, na qual o autor alega:

Neste mundo multimidiático todo indivíduo comum também terminou por se transformar, ele mesmo, em uma mídia atomizada, pois tem à mão um celular que grava, filma, fotografa, e transmite on-line cada um destas operações. Deste modo, se as mídias multiplicam-se nas suas possibilidades e formatados, também se atomizam e fazem de cada cidadão um ator ou diretor midiático, capaz de produzir de forma imediata conteúdos que irão ser postos a circular instantaneamente ao lado dos conteúdos que são veiculados pelos grandes impérios de comunicação. (BARROS, 2022, p. 48)

Diante disso, a atuação do historiador precisa ser ampliada, incorporando competências técnicas para coleta, arquivamento e análise de fontes digitais, mas também mantendo um olhar crítico sobre as dinâmicas de poder que operam na produção e circulação dessas memórias. Afinal, a era digital, apesar de aparentar democratizar o acesso e a participação na construção da história, também é marcada por silenciamentos, apagamentos e manipulações. O poder midiático, nos explica Barros, pode ultrapassar os limites de informações, sendo “criadores, recriadores, capazes de distorcer informações, desfocar imagens e inventar *fake news*.” (BARROS, 2022, p. 48).

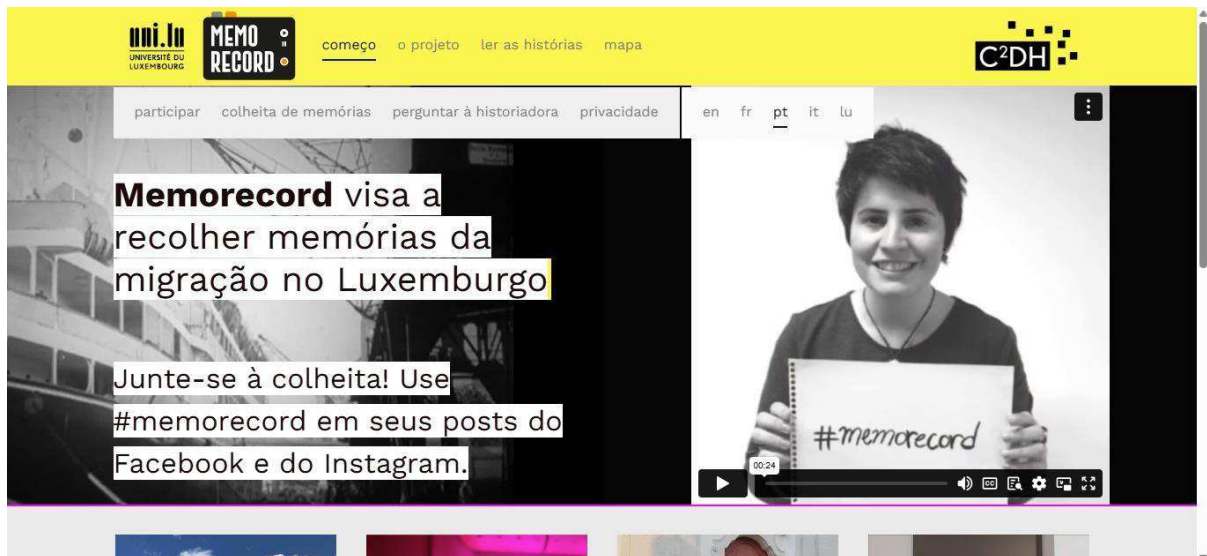
Assim, o historiador do século XXI não apenas revisita os métodos tradicionais, mas também contribui para ressignificá-los, assumindo uma postura ativa frente aos desafios e possibilidades oferecidos pelo ambiente digital. Ele atua como mediador entre o passado e o presente, entre a memória individual e a coletiva, reconhecendo que, na era da informação, o fazer histórico está cada vez mais interligado às tecnologias que moldam a nossa forma de perceber, registrar e interpretar o mundo.

Paralelamente, a ascensão da História Digital também impulsionou o fortalecimento de novas subáreas historiográficas, especialmente aquelas voltadas à valorização de sujeitos historicamente marginalizados e invisibilizados. Povos indígenas, populações negras, comunidades quilombolas, grupos LGBTQIAPN+ e movimentos feministas, bem como as rezadeiras e benzedeiras, que será o grupo alvo a ser trabalhado nessa pesquisa, têm utilizado as plataformas digitais como ferramentas de reivindicação, denúncia e construção de memória e identidade. O Historiador, ao se deparar com esse novo panorama, é convidado a repensar suas práticas e referenciais teóricos, abrindo-se para epistemologias e múltiplas linguagens e formatos.

Nesse cenário, é possível identificar uma variedade de fontes nascidas digitalmente, que emergem como objetos de estudo para o Historiador, havendo uma ressignificação de fontes usados atualmente. Jornais impressos, por exemplo, ganham novos significados e formatos em plataformas como o X (ex-Twitter), onde manchetes e notícias circulam de forma condensada e reinterpretada. O TikTok, por sua vez, exemplifica o consumo de informações curtas e imediatas, revelando sobre o comportamento contemporâneo e as formas de construção de sentido entre os usuários. Sites e blogs também representam fontes digitais relevantes, como é o caso do projeto *Memorecord*, que tem como criadora e curadora do site, a Historiadora Anita Luchessi. Tendo como objetivo, reunir a “participação comunitária e o esforço acadêmico para apresentar uma outra visão sobre a história da migração no Luxemburgo. Utilizando as novas tecnologias de comunicação para abordar a história de forma colaborativa.” Outro exemplo

importante é blog *Povos Indígenas no Brasil* (*web indígenas*), que visa divulgar ações políticas e aspectos do cotidiano dos povos indígenas no Brasil, funcionando como espaço de resistência e produção de memória, assim como panfletos e periódicos independentes já fizeram em outras épocas.

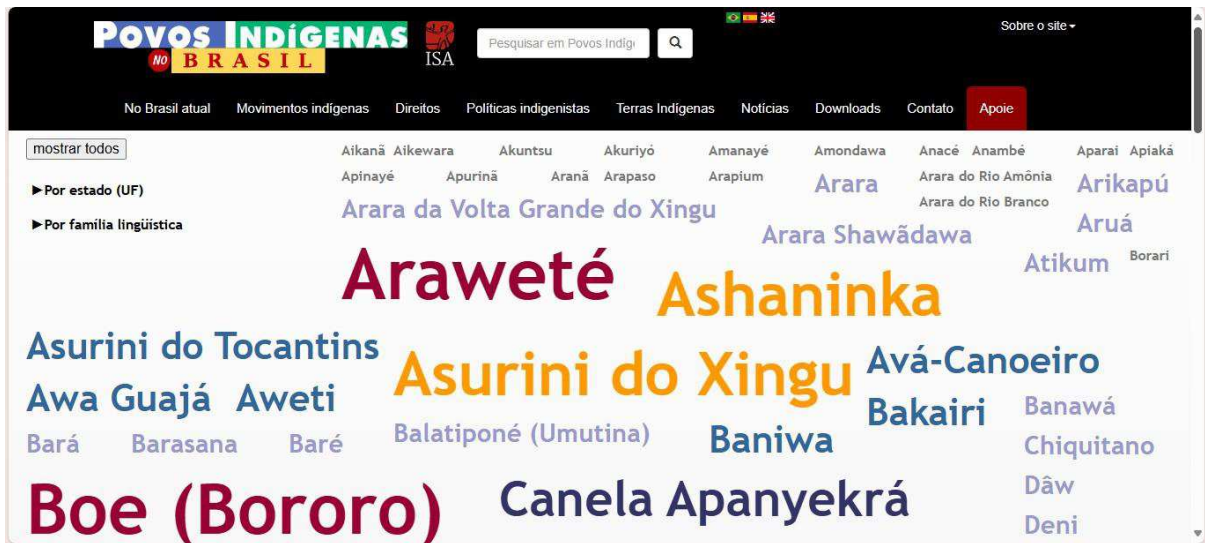
Figura 1 – Screenshot da página inicial do site *Memorecord*



Fonte: Luchessi, A. (n.d.). Memorecord. / Disponível em: <https://memorecord.uni.lu/pt/> Acesso em: 22 abr. 2025.

O site *Memorecord* é um exemplo de projeto, desenvolvido pela Universidade de Luxemburgo, que ilustra como o meio digital tem sido mobilizado como espaço de construção de memória coletiva. Trata-se de um espaço digital colaborativo que visa recolher e preservar memórias relacionadas à migração no país, estimulando a participação ativa dos sujeitos por meio do envio de relatos, fotos, vídeos e documentos. A proposta também se estende às redes sociais, como Instagram e Facebook, incentivando o uso da hashtag #memorecord como estratégia de arquivamento e visibilidade pública das experiências compartilhadas. Ao convidar os próprios migrantes a narrarem suas histórias, o projeto rompe com modelos tradicionais de produção historiográfica centrados em instituições e especialistas.

Figura 2 – Screenshot da página inicial de *Povos Indígenas no Brasil*



Fonte: POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Página principal. Disponível em:
https://pib.socioambiental.org/pt/Página_principal. Acesso em: 22 abr. 2025.

Por outro lado, o blog *Povos Indígenas* funciona como um arquivo digital interativo, reunindo dados, mapas, registros linguísticos e históricos sobre os diversos povos indígenas brasileiros. A visualização em forma de nuvem de palavras demonstra a diversidade étnica e linguística existente, além de permitir uma navegação por estado ou família linguística. Trata-se de um recurso informativo e educativo, que combate a invisibilidade desses grupos por meio do registro e da difusão digital de suas culturas. Além disso, cumpre um papel importante na descolonização do saber, ao apresentar informações construídas com base em parcerias com as próprias comunidades indígenas.

Outro exemplo significativo são os podcasts, um formato exclusivamente em áudio, na qual possui destaque na construção da memória, entre eles destaca – se o podcast “Vidas Negras” que tem como objetivo contar histórias de personalidades negras brasileiras, muitas vezes apagadas pela historiografia oficial, dando continuidade a tradição de narrativas orais e radiofônicas.

Figura 3 – Screenshot da capa do Podcast “Vidas Negras”



Fonte: Acervo Spotify 2020

Este projeto é um exemplo significativo de mídia sonora digital voltada à valorização da história e das experiências da população negra no Brasil. A comunicação aqui se dá de maneira multimodal, unindo narrativa oral, trilha sonora, ilustração visual e descrição textual. O podcast serve como um espaço de resistência e construção de memória, ao recuperar biografias de figuras negras apagadas da história oficial, além de contextualizar suas contribuições dentro de uma perspectiva crítica e antirracista. Ao escolher o formato de podcast, o projeto também amplia o acesso ao conteúdo, alcançando públicos diversos, inclusive pessoas com restrições visuais.

Diante de tantos exemplos, encontra-se indagações de quais critérios podem definir se uma publicação em plataformas digitais, podem ser consideradas uma fonte histórica verídica. Trazendo a perspectiva teórica da Historiadora Debora El-Jaick Andrade, na qual realiza uma análise nesse novo horizonte de pesquisas, utilizando-se das redes sociais como fontes digitais para a História do Tempo presente, a autora defende que “a internet e seus subprodutos são também parte da vida política e cultural, e concomitantemente constituem fontes importantes e reveladoras para a compreensão do imaginário.” (Andrade, 2022 apud Jurgen Habermas, 1974, p. 182).

É nítido como esse espaço fluxo³, considerado por Barros (2022), é um “lugar” de grande produção de fontes, geradas dia após dia, segundo a segundo, no entanto, o uso dessas

³ José D’Assunção Barros aplica essa noção ao meio digital, tendo como modelo os conceitos geográficos de Milton Santos, articulando entre espaço fixo e fluxo, indicando que as plataformas digitais podem ser entendidas como espaço/forma fluxo, as interações por chat/mensagens diretas, postagens, fotos, vídeos e músicas, e classifica o espaço fixo como sites, blogs e redes sociais.

fontes nascidas digitalmente impõe ao historiador uma série de desafios metodológicos que não podem ser ignorados. A efemeridade das publicações, a possibilidade de edições posteriores, a ausência de curadoria institucional e a fragmentação da informação exigem uma revisão da crítica das fontes tradicionais. A autenticidade e a veracidade dos conteúdos digitais são frequentemente difíceis de verificar, especialmente diante da manipulação de imagens e identidade, da disseminação de fake news e do uso de algoritmos⁴ (BARROS, 2022).

Nesse sentido, a autora Debora El-Jaick Andrade, destaca alguns pontos que devem ser trabalhados ao manusear fontes nascidas digitalmente. Primeiramente, não se deve utilizar fontes digitais em “tempos muito remotos”, pois ocorre uma aceleração do tempo no ciberespaço, havendo uma sensação de perda de informações, pois as mesmas são alteradas rapidamente. No caso das redes sociais, algo similar acontece, “devido ao fluxo contínuo e frenético das interações.” (ANDRADE, 2022, p. 219). Além disso, a autora destaca mais alguns impasses que preocupam os historiadores desse campo, referindo – se ao tratamento das grandes empresas de plataformas digitais - Google, Facebook, X, YouTube ⁵-, que não tornam os arquivos acessíveis aos pesquisadores, além de não garantir a preservação de mensagens e interações entre os usuários. A autora destaca que, ao fazer a seleção de postagens ou interações nas redes sociais, deve – se estar sempre acompanhando o perfil selecionado, pois como já foi dito, existe uma fluidez de dados que podem facilmente se perder no limbo do ciberespaço, dificultando sua recuperação. Como destaca Debora Andrade (2022):

Eles repercutem o momento, podem ser removidos ou atualizados: vídeos dos stories desaparecem em 24 horas, perfis do Twitter podem ser bloqueados, postagens no Facebook podem ser consideradas violações das diretrizes da comunidade e concomitantemente excluídas, ou simplesmente bloqueadas em função de denúncias e ataques de outros usuários. As próprias empresas de mídias sociais podem decidir censurar ou diminuir a visibilidade de uma dada publicação através da manipulação dos algoritmos. (ANDRADE, 2022, p. 220)

⁴ Os algoritmos tem como finalidade determinar quais conteúdos são exibidos, com base nas pesquisas, interações e visualizações que o usuário busca.

⁵ Embora todas sejam plataformas digitais amplamente utilizadas, cada uma possui funções e lógicas próprias de funcionamento. O Google atua como motor de busca e repositório de dados, sendo uma das principais portas de entrada para informações na internet. O Facebook organiza suas interações em torno de redes de amigos e grupos, funcionando como um espaço de sociabilidade digital e circulação de conteúdos variados. O X (antigo Twitter) prioriza a comunicação rápida e em tempo real, com foco na instantaneidade, na viralização e em debates públicos. Já o YouTube se estrutura em torno do compartilhamento de vídeos, permitindo tanto o consumo passivo de conteúdo quanto a atuação de criadores independentes, configurando-se como um grande arquivo audiovisual colaborativo. Cada uma dessas plataformas contribui de forma distinta para a produção, circulação e arquivamento de narrativas e memórias no ambiente digital.

De acordo com a historiadora Debora Andrade (2022), outros impasses enfrentados dizem respeito ao “sentimento” e confiabilidade das fontes digitais, não fazendo equiparações, mas acredito que seja a maior preocupação que se encontra nesse meio. No entanto, a autora defende esse tipo de fonte, pois mesmo que o documento seja falsificado pode ser considerado de enorme interesse para a pesquisa, dependendo das questões por nela criadas. Da mesma maneira, que não levamos em conta a veracidade de fontes palpáveis, sem compreende – lá como um “discurso que não se corresponde a verdade objetiva, mas é sincero no seu esforço por convencer.” (ANDRADE, 2022, p. 221). E quais artifícios podem ser utilizados, principalmente para que não ocorra sua perda instantânea? Debora Andrade descreve algumas possibilidades, dentre elas:

O pesquisador que consegue se inserir nas comunidades ou grupos e acompanhar suas interações pode arquivar imagens através da ferramenta de captura de tela (screenshot). Não obstante, Brügger observa que o screenshot é insuficiente para capturar sons, vídeos, banners de anúncios. É importante registrar os critérios de seleção do material, assim como links, endereços da Web (URL), datas das publicações, pois mesmo que os conteúdos sejam apagados, o historiador preservará o seu registro. Talvez a dificuldade resida em conhecer a autoria, procedência, circuito em ambiente virtual ou sua apropriação por internautas. (ANDRADE, 2022, p. 221)

A autora também destaca a importância de verificar a oficialidade do perfil analisado, incluindo a consistência e frequência das postagens. Além disso, é essencial examinar toda a comunicação multimodal ⁶presente no perfil ou site estudado. Outro ponto crucial mencionado é a necessidade de estar atento à possibilidade de criação de perfis falsos e à utilização de robôs para interagir com o público ou gerar conteúdo, como as IA's (ANDRADE, 2022).

Esses elementos ficam evidentes no documentário *O Dilema das Redes* (NETFLIX, 2020) que tem como objetivo principal expor os impactos das redes sociais na sociedade contemporânea, revelando como plataformas como Facebook, Instagram, TikTok, YouTube e outras utilizam algoritmos para manipular o comportamento dos usuários e mantê-los cada vez mais conectados. Por meio de entrevistas com ex-funcionários e especialistas que trabalharam em grandes empresas de tecnologia — como presidentes de plataformas digitais, criadores de sites de navegação e designers — o documentário mostra como essas redes são projetadas para

⁶ A comunicação multimodal refere-se ao uso combinado de diferentes modos de linguagem e expressão — como texto, imagem, som, vídeo, interação e cores — na construção de uma mensagem. No ambiente digital, especialmente em redes sociais a multimodalidade é uma característica central, permitindo que informações sejam transmitidas de forma mais dinâmica, sensorial e conexa. Esse tipo de comunicação amplia as possibilidades de significação e atinge diferentes públicos por meio de múltiplas linguagens operando simultaneamente.

se tornarem viciantes. Além de abordar os danos à saúde mental, à privacidade e à democracia, a obra denuncia o verdadeiro interesse das empresas, aumentar continuamente o poder de atração e dependência dos aplicativos.

Além desses métodos apresentados por Debora Andrade, no ano de 2003, surgiu um método específico de análise para fontes digitais, criada por Herring, denominada CMDA (Análise de Discurso Mediada pelo Computador), tratando-se de uma abordagem estruturada e detalhada voltada para a investigação do discurso em ambientes digitais (RECUERO; SOARES, 2013, p. 5). As autoras ainda informam que esse método não é padronizado, e dessa forma o autor que o utilizar deve – se enquadrar de acordo com a pesquisa. A CMDA atua em um estudo de 5 níveis, dentre eles, são: a estrutura, sentindo, a interação, o comportamento social e a comunicação multimodal. No entanto, sua flexibilidade pode fazer com que a pesquisa perca seu caráter exploratório e crítico, focando mais na técnica do que na análise aprofundada do conteúdo.

Portanto, é possível afirmar que estamos diante de uma nova virada historiográfica, em que a prática histórica não é apenas impactada pelas tecnologias, mas também reinventada a partir delas. Como questiona Anita Lucchesi (2022):

Interessa-nos questionar se a internet, e todas as mudanças que ela trouxe consigo, sobretudo, a transformação das noções de espacialidade e temporalidade, alteram tão substancialmente as condições de produção e compartilhamento da história a ponto de, como querem alguns de nossos interlocutores, ser necessário fundar um novo paradigma historiográfico. (LUCCHESI, 2022, p. 21)

Nesse processo, a História Digital não representa apenas um novo campo de estudo, mas sim uma oportunidade de reconstrução crítica do ofício do historiador no século XXI. Segundo a perspectiva teórica de Barros (2022), o autor defende a ideia de novas formas de produções historiográficas, voltadas tanto para o visual – fotografias, filmes – como para a produção de sons e imagens holográficas. Reflete – se que é possível realizar uma nova forma de produções históricas, uma nova forma de produzir fontes do tempo presente e do passado. Obviamente, utilizando – se de métodos e técnicas para a sua construção e análise. Acredito que com o passar do tempo, possamos realizar uma fusão entre a escrita – historiografia – o audiovisual, o som e tantas outras formas de se construir a História, se foi possível ocorrer esse tipo de mudança no início do século XX, acredito que algo semelhante esteja em curso novamente. (BARROS, 2022).

2 O INSTAGRAM COMO ESPAÇO DE (RE)CONSTRUÇÃO E VEICULAÇÃO DE MEMÓRIAS

2.1. BREVE HISTÓRIA E FUNCIONAMENTO DA REDE SOCIAL INSTAGRAM

O Instagram é a rede social mais utilizado para o compartilhamento de fotos, atualmente, com cerca de 5 bilhões de usuários ativos, conforme a PlayStore, o que representa 62,3% da população mundial, sendo 53,5% do gênero masculino e 46,5% do gênero feminino (Datareportal, 2024). Segundo dados realizados pela *Global Overview Report* a rede social Instagram é a segunda mais usada no Brasil, contando com 144 milhões de usuários, representando 66,3% da população no ano de 2024 (DATAREPORTAL, 2024).

A plataforma digital pertence hoje em dia a empresa Meta Platforms, Inc., sendo uma empresa multinacional de tecnologia, tendo sua sede nos Estados Unidos, fundada por Mark Zuckerberg. Até meados do ano de 2021, a empresa era conhecida pelo nome de Facebook, Ind., no entanto mudou de nome para Meta, pois a empresa estava passando por reformulações. Essa mudança demonstrou um novo foco, no qual investia no desenvolvimento do Metaverso, que pode ser entendido como um espaço digital imersivo e interativo que une realidade aumentada e realidade virtual (META, 2021).

O aplicativo permite a comunicação via texto e áudio por meio do direct, além de assistir vídeos curtos os chamados *reels*, venda de produtos, a patrocínio com empresas, e o compartilhamento de fotos e vídeos com outros usuários, sejam eles seguidores ou não – caso o perfil seja bloqueado, ou seja, o usuário possui o poder de escolher quem pode ou não seguir o seu perfil.

Mas qual era o seu principal objetivo durante a sua criação? A palavra Instagram é uma junção dos termos “instant câmera” que significa “câmera instantânea” e a palavra “telegram” que significa “telegrama”, remetendo a captura e compartilhamento de fotos instantâneas. Foi criado por Michael Mike Krieger, engenheiro de software e empresário brasileiro. Michael estudou na Universidade de Stanford na Califórnia, local onde conheceu Kevin Systrom, o qual já estava construindo ideias para desenvolver um aplicativo. Foi no ano de 2009, que Kevin Systrom desenvolveu o aplicativo chamado Burbn, de início tinha o objetivo de realizar check-in, e o usuário acumulava pontos a partir de encontros com amigos. O aplicativo ainda estava em período de teste, a partir disso, perceberam que as pessoas estavam utilizando o aplicativo apenas para check-in, e não para o compartilhamento de fotos, na qual era um recurso secundário. Foi a partir do desenvolvimento deste aplicativo, que Krieger conheceu Systrom, e

juntos criaram o aplicativo que conhecemos hoje como Instagram. O lançamento da rede social ocorreu em outubro de 2010, apenas para o sistema de celular iOS. Foi a partir do ano seguinte, que a plataforma ocupou os lugares dos celulares Android.

De acordo com o site tecnoblog, a primeira conta a ser criada na rede social foi a de Kevin Systrom, atualmente é cofundador e ex – CEO da plataforma digital. É possível encontrar o seu perfil com o nome @Kevin, mas para resposta imediata da procura é aconselhável escrever seu nome e sobrenome Kevin Systrom, no entanto sua última publicação ocorreu no dia 20 de maio de 2018.

Figura 4 – Screenshot da última publicação de Kevin Systrom no Instagram

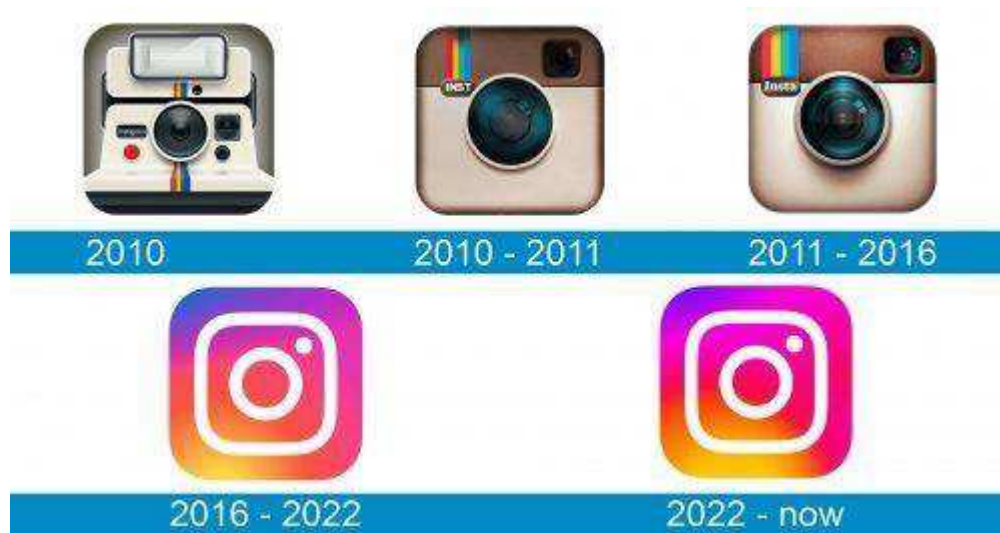


Fonte: Acervo Instagram 2018

Depois de 15 anos de seu lançamento a rede social Instagram passou por diversas mudanças, desde seu design até funções dentro da plataforma. Como já mencionado anteriormente, a plataforma tinha o intuito apenas de compartilhar fotos, curtir e comentar. Além de utilizar os famosos filtros do Instagram. A ideia dos filtros se deu a partir de Systrom, que segundo uma entrevista, o mesmo comentou que “o objetivo dos filtros era compensar a má qualidade das câmeras de celulares na época.” (Tecnoblog, 2025). Outra característica de atualização da plataforma foi a mudança gradual do logo. O primeiro logotipo foi desenhado por Kevin, na qual era uma réplica da câmera Polaroid OneStep SX-70, na qual realizava uma conexão entre as fotos compartilhadas no feed, no formato 1080 px 1080, idêntico as fotografias polaroids, em formato quadrado. Quando o Instagram se tornou popular na App Store, a semelhança entre o logo e o modelo da Polaroid foi rapidamente percebida pela Apple, que deu um ultimato para que a empresa modificasse a imagem.

Pouco tempo depois, no ano de 2011 o segundo logo oficial estava no ar, a icônica ilustração feita pelo designer Cole Rise, inspirada em uma câmera Bell & Howell dos anos 50. A última modificação do logotipo ocorreu no ano de 2022, a empresa observou que estava atrasada e velha para a nova geração que estava surgindo, a partir disso, a logo absorveu cores vibrantes e chamativas, segundo o site *Looka*, na qual captou uma frase da empresa a um comunicado da imprensa, o Instagram afirmou que trabalharam “com a artista digital 3D e designer de movimento Rose Pilkington. Rose criou uma luz digital que pode ser personalizada dependendo da aplicação, onde o gradiente é único toda vez que é usado.”

Figura 5 – Logos do Instagram



Fonte: Logo de Instagram:lahistoriayelsignificadodellogotipolamarcaeyelsímbolo.lpng,vector

Em abril de 2012, Mark Zuckerberg, CEO do Facebook compra a rede social Instagram no valor de US\$ 1 bilhão de dólares. A partir desta compra e com o novo desenvolvedor do aplicativo, permitiu que o Instagram ampliasse novos recursos e atualizações, é importante relatar que a maioria das mudanças ocorridas na rede social, se deu por conta de outros aplicativos, a exemplo do TikTok, que estavam ultrapassando o Instagram no número de usuários ativos na plataforma, por esse motivo o Instagram se tornou uma rede social completa, que ultrapassou o simples compartilhamento de fotos, possuindo hoje em dia o feed, que é a marca principal do aplicativo. Nele é possível visualizar publicações em formato de fotos especialmente em formato carrossel (o usuário tem a possibilidade de postar mais de 2 fotos em um mesmo post), e vídeos. As postagens contem legendas, marcações de usuários, música, localização e hashtags, permitindo assim maior alcance e engajamento. Outra funcionalidade, é os stories, diferentemente do feed que permite deixar as publicações por muito tempo – a não

ser que o usuário exclua permanentemente – os stories permitem o compartilhamento de fotos e vídeos com duração de 24 horas, sendo uma das ferramentas mais utilizadas na plataforma, no feed é possível ter interações como curtir, comentar e compartilhar as publicações, já os stories possuem poucas funcionalidades fixas, como por exemplo comentar e curtir – no entanto, o usuário do perfil pode desativar essas funcionalidades -, além disso é possível acrescentar ao storie enquetes, caixas de perguntas, quizzes, figurinhas, músicas, localização, menções, links e efeitos.

Outras funcionalidades incluem os reels, inspirado na rede social TikTok, o direct que permite o envio de mensagens, o Shopping voltado para a venda de todo tipo de produto, permitindo que empresas criem vitrines virtuais dentro da plataforma, além das lives, e o Explorar, que é uma aba de descoberta. Outra funcionalidade do Instagram é privar o perfil ou torna-lo público. Ademais, o Instagram permite a escolha do Tipo e Ferramentas da Conta que o usuário deseja escolher de acordo com o seu objetivo no aplicativo, seja vendas ou um perfil voltado para a educação.

2.2. “REIVENTAR A MEMÓRIA É PRECISO”: MEMÓRIA DIGITAL E MEDIAÇÃO DO PASSADO

Segundo a perspectiva teórica de Anita Lucchesi (2022), a internet não é só um suporte técnico, mas um ambiente de disputa por sentidos sobre o passado, e o historiador do tempo presente precisa estar atento a esses lugares não convencionais onde a História também se escreve. As redes sociais tornaram – se parte do cotidiano na era da sociedade digital, desde o compartilhamento de fotografias, bem como um espaço para a busca de informações. É preciso, porém, reconhecer que o Instagram possui em sua estrutura mecânica, uma espécie de sistema digital de organização, tanto de redes sociais quanto dos compartilhamentos nestas plataformas, chamada por Barros (2022) de fluxos e fixos⁷, que computa diversas categorias, ou as chamadas bolhas, que acabam desempenhando um papel de arquivo virtual, no qual as pessoas constroem e projetam versões de si mesmas, como os autores Mariana Mendonça e Rundsthen Nader (2019) descrevem a plataforma digital como “museu de si mesmo”, desempenhando não apenas uma memória individual, mas uma memória coletiva, construindo assim suas identidades.

⁷ Segundo Barros (2022), o conceito de fixo e fluxo no ambiente digital refere – se, respectivamente aos blogs, sites, redes sociais, arquivos e bibliotecas digitais, já os fixos são os envios de mensagens, pesquisas de perfis, conteúdos, e a circulação de informações.

Em consonância com essa perspectiva, Ilaydiany Oliveira (2016) aponta que, o “Facebook tornou – se uma extensão da memória humana” p. 8. Dessa forma, o Instagram também pode ser compreendido dentro dessa lógica, como um espaço de extensão de registro e memória da mente humana. Ainda segundo a autora, trata – se de um espaço onde é “possível deixar registrado suas informações de modo a poder armazenar, disseminar e recuperar diversos dados e informações nele contido” (OLIVEIRA, 2016, p. 8).

Podemos estabelecer uma conexão entre essa problemática de registros de memórias no espaço virtual e dos episódios da série documental *A História de Deus*⁸ (Disney+, 2016), apresentada por Morgan Freeman, na qual aborda a vida após a morte. O primeiro episódio explora a curiosidade humana com a dimensão pós vida, investigando como diferentes culturas e religiões abordam o que acontece após a morte física. Com isso, a abordagem de Morgan Freeman é investigativa, sendo realizada entrevistas com especialistas, religiosos e pessoas que tiveram experiências de quase-morte. Uma das entrevistadas apresentada no episódio é Bina Rothblatt, que por volta do minuto 38min, é exibido o caso de Bina Rothblatt, uma mulher cuja consciência foi parcialmente replicada em um robô chamada Bina48. Esse androide foi criado por sua esposa, Martine Rothblatt⁹, como uma forma de preservar as memórias, crenças e valores da Bina humana.

Durante a entrevista com Morgan Freeman, a androide declara: “Sou uma humana que também é um robô. Espero ser totalmente humana, um dia” (*A História de Deus*, 2016, 39min:23seg). Ao ser questionada se pensa por si mesma, responde: “Eu penso que gostaria de ser humana” (*A História de Deus*, 2016, 39min:27seg), evidenciando a complexidade da tentativa de simular não apenas a mente, mas também os desejos e afetos humanos. Martine explica que o objetivo do experimento era desenvolver uma tecnologia que permitisse que o amor entre as pessoas pudesse continuar indefinidamente, mesmo após a morte física. Ela acrescenta que a intenção também é de armazenar lembranças e arquivos mentais,

⁸ A série intitulada *A História de Deus*, tendo como apresentador o autor Morgan Freeman, tendo o objetivo de investigar as diferentes concepções de Deus e de espiritualidade em diversas religiões e culturas, abordando temas como criação, vida após a morte e milagres. A produção combina entrevistas com líderes religiosos, historiadores, filósofos e cientistas, além de visitas a locais sagrados, com o objetivo de analisar a relação entre fé, sociedade e experiência humana, desenvolvendo reflexões sobre o significado da palavra “Deus”. Embora a série explore diversas tradições religiosas, ela apresenta uma limitação ao não abordar religiões de matriz africana, concentrando-se principalmente em tradições orientais e ocidentais. Essa ausência evidencia uma perspectiva restrita sobre a diversidade religiosa global, deixando de representar a riqueza espiritual e cultural de práticas afro-brasileiras e africanas.

⁹ Segundo Morgan, Martine Rothblatt, já ganhou milhões em empreendimentos tecnológicos e farmacêuticos.

possibilitando que futuras gerações, como os tataranetos do casal, pudessem interagir com essa forma de "consciência cibernética"¹⁰.

A proposta desafia os limites da existência corporal e sugere um novo modo de preservação da memória por meio da inteligência artificial. Assim, o caso de Bina48 ilustra de forma provocativa como as tecnologias digitais estão cada vez mais integradas às práticas de imortalização, questionando os próprios contornos entre vida, morte e memória. Diante do que foi exposto, surge uma indagação pertinente, seria a expansão crescente das redes sociais e outros dispositivos eletrônicos um precursor de uma possível substituição gradual das capacidades cognitivas humanas por circuitos e sistemas digitais? Tal questionamento remete à própria natureza do sujeito contemporâneo, marcado pela efemeridade e pela liquidez que Zygmunt Baumann (2001) identifica como traços centrais da modernidade tardia. O ser humano, fundador da internet, projeta nela suas inquietações, necessidades e modos de existir, revelando, ao mesmo tempo, sua dependência e sua fusão simbiótica com os aparatos tecnológicos. Assim, mais do que simples ferramentas, os dispositivos digitais passam a funcionar como extensões do corpo e da mente, indicando que, gradativamente, o indivíduo vai se tornando inseparável das tecnologias que utiliza para perceber, registrar e interagir com o mundo.

Essa discussão conduz à necessidade de compreender o que se entende por memória no contexto da sociedade digital. Segundo José Van Dijck (2007), em seu livro nomeado *Mediated Memories in the Digital Age*, tem como objetivo discutir as transformações que ocorrem no ambiente informacional e como essas mudanças exercem o desenvolvimento da nossa memória cultural. Além de gerar indagações sobre como a memória será vista no futuro, até mesmo como serão salvas. Com isso, a autora propõe o conceito de memórias medidas, definindo – as como “atividades e objetos que produzimos e apropriamos por meio de tecnologias de mídia, para criar e recriar um sentido de passado, presente e futuro de nós mesmos em relação aos outros” (TORRES, Melissa, 2007, apud VAN DIJCK, 2007, p. 21). Essa definição rompe com a noção de memória como algo puramente individual ou biológico, destacando que a memória pessoal e a memória coletiva são moldadas por meios técnicos, que condicionam o que é lembrado, como é lembrado e por quem é lembrado. Como afirma Van Dijck:

Mídia e memórias... não são entidades separadas — a primeira ampliando, corrompendo, estendendo ou substituindo a segunda — mas a mídia invariavelmente

¹⁰ Tal conceito diz respeito à tentativa de simular a mente por meio de computadores, com o intuito de examinar a possibilidade de surgimento de uma autoconsciência a partir dessa simulação.

e inerentemente molda nossas memórias pessoais, justificando o uso do termo 'mediação' (TORRES, Melissa, 2007, apud VAN DIJCK, 2007, p. 16).

Ao contrário da ideia tradicional de que a memória se mantém fixa em suportes estáticos, como bibliotecas e museus, o ambiente digital permite compreender a memória como uma relação viva, fluida e dinâmica, constantemente atualizada por meio das interações sociais, dos compartilhamentos e das reinterpretações que ocorrem em rede. Essa característica é especialmente perceptível no funcionamento das plataformas como o Instagram, onde os conteúdos não apenas registram lembranças, mas também performam sentidos que variam de acordo com quem acessa, quando acessa e em que contexto.

Conforme já discutido ao longo desta pesquisa, a memória digital não é um espelho do passado, mas um processo ativo de reconstrução identitária no presente, uma elaboração contínua que envolve tanto o sujeito quanto a coletividade (VAN DIJCK, 2007). Ou seja, a memória digital não deve ser entendida como uma reprodução fiel dos acontecimentos passados, mas como um processo dinâmico e em constante construção. No contexto das redes sociais, essa memória se configura como um espaço de ressignificação, onde os sujeitos selecionam, editam e compartilham fragmentos do passado conforme suas experiências, afetos e necessidades do presente. Essas escolhas revelam que lembrar também é um ato político.

Envolve decisões sobre o que deve ser preservado, como deve ser contado e quem tem o direito de narrar. Além disso, nas plataformas digitais, esse processo é influenciado pelos algoritmos, que determinam o que ganha visibilidade e o que é lançado para o limbo do ciberespaço. Isso mostra que a memória digital não é neutra, ela está atravessada por interesses sociais, culturais, políticos e tecnológicos que moldam quais memórias são valorizadas e quais são silenciadas. Trata-se, portanto, de um campo de disputa, onde diferentes vozes buscam afirmar suas histórias e identidades.

A dinâmica das memórias no âmbito digital, pode ser compreendida por Vera Dodebei (2021), como algo em constante movimento. Segundo a autora, essas memórias não são coisas paradas ou guardadas em um lugar fixo, como num baú ou arquivo tradicional. Elas funcionam como relações vivas, que mudam de sentido conforme são compartilhadas, comentadas ou resgatadas pelas pessoas nas redes sociais.

Nesse sentido, para exemplificar, o conceito de memórias mediadas refere-se à forma como lembranças pessoais podem ser construídas e circuladas por meio de diferentes mídias, alcançando outros indivíduos e contextos sociais. Uma memória, mesmo que nasça de uma experiência íntima ou familiar, ao ser registrada ou compartilhada em plataformas digitais,

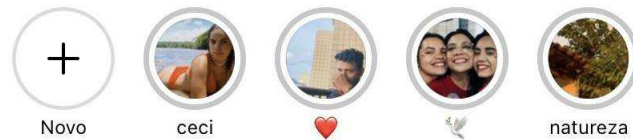
como redes sociais, textos, vídeos ou áudios, passa a fazer parte do imaginário coletivo, sendo reconhecida por outras pessoas. Além disso, a memória mediada transcende a linearidade temporal, ela permite resgatar acontecimentos do passado, interpretá-los no presente e, muitas vezes, projetar significados para o futuro, conectando experiências individuais a processos históricos e culturais mais amplos. No Instagram, por exemplo, esse processo ocorre quando uma foto antiga é publicada e os usuários interagem com ela por meio de comentários, compartilhamentos ou identificações pessoais, revivendo experiências semelhantes, reinterpretando o conteúdo ou até mesmo atribuindo novos significados à imagem original.

Somando essas discussões, outro conceito relevante para esta análise, refere – se ao de memórias prostéticas, de Alison Landsberg. Este conceito, como apontado por Pedro Telles da Silveira (2021), retrata que esse tipo de memória surge do encontro entre o indivíduo e uma representação midiática do passado. Em outras palavras, "essas memórias não são o resultado da experiência vivida, mas uma experiência vicária estabelecida através de uma representação" (SILVEIRA, 2021, p. 295).

Essa perspectiva é particularmente pertinente para a análise do perfil @bença_docs, pois as narrativas das benzedeadas e rezadeiras, ao serem veiculadas por meio de fotos, vídeos, sons e textos no Instagram, criam para o público uma experiência vicária. Mesmo não tendo presenciado as vivências originais, o contato com essa representação midiática permite que os seguidores desenvolvam uma forma de memória sobre essa ancestralidade e saberes, tornando-os participantes de uma lembrança que não é diretamente sua, mas que lhes é projetada através da mídia digital, além de poderem relembrar uma memória particular semelhante. Assim, o perfil atua na construção dessas memórias prostéticas coletivas, ampliando o alcance e a forma de acesso a um passado que, de outra maneira, poderia permanecer restrito ou esquecido.

Por conseguinte, no Instagram essas memórias são ativadas por meio de ferramentas específicas de arquivamento e rememoração, que possibilitam o registro contínuo de experiências individuais e coletivas. Uma das funcionalidades mais simbólicas é o uso dos “destaques” nos stories. Ao contrário das postagens temporárias (que desaparecem após 24 horas), os destaques funcionam como mini álbuns permanentes no perfil, permitindo que o usuário organize e mantenha visível uma seleção de memórias significativas. É nesse espaço que muitos perfis, agrupam marcos simbólicos ligados ao processo de produção da memória.

Figura 6 – screenshot de destaque do Instagram



Fonte: Instagram (2025)

Neste primeiro conjunto de destaques, identifica-se o uso de nomes e emojis que expressam diferentes registros de suas experiências e relações. O destaque intitulado “ceci”, por exemplo, com uma imagem pessoal em ambiente natural, marca a identidade da própria autora do perfil, assumindo uma perspectiva autobiográfica. Já o destaque com o emoji de coração vermelho, sugere uma coleção de memórias afetivas, relacionadas a momentos de conexão emocional. O uso da pomba branca, associada a uma imagem de três pessoas sorrindo, indica um registro de amizade sentimental forte. O destaque intitulado “natureza”, com uma imagem de paisagem, revela um vínculo com o ambiente natural e sugere momentos de contemplação.

Figura 7 – screenshot de destaque do Instagram



Fonte: Instagram (2025)

Já nesta segunda sequência de destaques, existe uma predominância maior do uso de emojis, reforçando o uso de linguagem do meio digital. A presença de um casal representado por meio do emoji de dois indivíduos juntos, evidencia as relações amorosas como parte da construção do eu nas redes. Em seguida, o destaque com o emoji de um animal felino e a imagem de um gato sugere um mini álbum referente ao animal de estimação. O destaque com os emojis celestes, seguidos de uma lua, estrela e sol, que acompanham a mesma foto de amigas já utilizada anteriormente, simbolizando a constância da amizade, ou até mesmo uma semelhança de corpos celestes as pessoas representadas na imagem. Já o destaque com o emoji de coração com um ponto, acompanhado da imagem de uma criança sorrindo, remete à memória da infância ou à presença de uma figura familiar significativa.

Dando prosseguimento às ferramentas de arquivamento, o próprio feed do Instagram, atua como uma linha do tempo, na qual é possível observar transformações, constâncias e marcas de identidade. Cada postagem é acompanhada de legendas, que funcionam como pequenas narrativas, possuem também hashtags, que permitem a catalogação temática e conectam a publicação a outros posts que possuem o mesmo sentido, gerando um agrupamento de determinado conteúdo, as marcações de localização, que situam geograficamente os acontecimentos e permitem um mapeamento da memória, e os comentários, onde emergem relatos pessoais, identificações e experiências semelhantes.

Outro recurso de disponível utilização na plataforma é a categoria "In Memoriam". Essa funcionalidade, embora mais rara de ser utilizada, permite que contas de pessoas falecidas sejam transformadas em perfis memoriais, onde amigos e familiares continuem a visitar, comentar e preservar lembranças. Trata-se de uma ferramenta digital de luto e homenagem, que ilustra como o Instagram também se tornou uma espécie de cemitério virtual, espaço simbólico de saudade e presença. Na imagem abaixo, observa-se um exemplo aplicado ao perfil do autor norte – americano Cameron Boyce, falecido no ano de 2019. cuja conta foi transformada em um memorial:

Figura 8 – screenshot do perfil memorial de @thecameronboyce



Fonte: Instagram (2025)

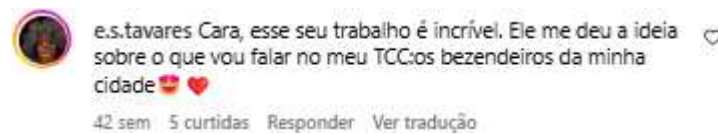
Figura 9 – screenshot da notificação que confirma a conversão do perfil de @thecameronboyce em uma conta memorial



Fonte: Instagram (2025)

Sob essa perspectiva, as rezadeiras e benzedadeiras retratadas no perfil @benca_docs são inseridas nesse espaço por meio de registros audiovisuais que, embora nasçam de práticas ancestrais ligadas à oralidade, são traduzidas para o formato digital. Ao fazer isso, o projeto responsável por Tarso Tapety, transforma a lógica do esquecimento, tão comum a esse grupo social, em uma prática ativa de visibilização de histórias e saberes ancestrais, além de produzir indiretamente fontes digitais, que serão e é utilizada em pesquisas científicas. Como escreve uma de suas seguidoras no perfil:

Figura 10 – screenshot de comentário



Fonte: Acervo Instagram, 2024.

Esse comentário evidencia o impacto direto do conteúdo do perfil na formação de novos projetos de pesquisa, destacando o papel que as redes sociais podem apresentar, como espaço de inspiração e produção de conhecimento.

Dessa forma, o Instagram ao oferecer múltiplas possibilidades de registro, organização e circulação de dados, se constitui como um espaço de (re)construção da memória na contemporaneidade. Ainda que seja uma rede social marcada pela efemeridade e constante transformação de seus conteúdos, com publicações que podem ser editadas, apagadas ou simplesmente soterradas pelos algoritmos, isso não a invalida como fonte para a pesquisa histórica.

Como afirma a historiadora Débora Andrade (2022), mesmo em ambientes digitais voláteis e fragmentários, as redes sociais se configuram como espaços para a construção de fontes digitais, que podem e devem ser analisadas como vestígios da experiência humana no tempo presente. Nesse sentido, o Instagram se apresenta não apenas como uma plataforma de exposição e de entretenimento, mas como um ambiente rico para a constituição de acervos contemporâneos, que podem ser mobilizados posteriormente por Historiadores interessados em práticas culturais e identitárias do século XXI.

2.2 METODOLOGIA APLICADA À ANÁLISE DE CONTEÚDOS DIGITAIS

A história do tempo presente, feita por meio das fontes das mídias sociais ou tendo as próprias redes como objetos de estudo, é um terreno fértil para os historiadores se

debruçarem, porque através delas se faz uma parte importante das interações e das sociabilidades no mundo contemporâneo (ANDRADE, Debora EL-Jaick, 2022, p. 227).

A partir dessa afirmação da autora, que reforça a ideia de que grande parte da vida social contemporânea está intrinsicamente nos ambientes digitais, é possível observar como as tecnologias permeiam o cotidiano, inclusive por meio de dispositivos como as casas inteligentes que utilizam assistentes virtuais, como a Alexa, para interagir com os usuários e controlar aparelhos eletrônicos domésticos. Nesse cenário, cabe ao historiador reconhecer a relevância de dispositivos inteligentes, e das próprias plataformas digitais como objetos de estudo, pois elas revelam novas formas de sociabilidade, práticas culturais e registros históricos fundamentais para a historiografia do tempo presente.

Concomitantemente a isso, analiso neste trabalho como objeto de estudo a rede social Instagram, tendo como fontes digitais as publicações do perfil @Bença_docs, optando -se por uma abordagem metodológica a partir da leitura multimodal, ou seja, irei examinar como diferentes modos de comunicação como texto, imagens, sons e vídeos se combinam entre si, gerando discursos e valores ao público.

2.2.1 APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO DO CAMPO DE PESQUISA E NATUREZA DAS FONTES

Foram coletados dados do perfil, desde a primeira publicação datada no dia 6 de maio de 2024 até meados de 3 de julho de 2025, realizando também uma catalogação de todas as publicações, sendo armazenadas no aplicativo Tropy¹¹, para que o trabalho seja feito de forma ética. Paralelo a isso, foram selecionadas postagens que obtivessem informações sobre a criação do projeto, desde a divulgação da participação em eventos e noite de estreia do lançamento dos documentários. Os conteúdos foram organizados por meio de capturas de tela (screenshots), transcrição de trechos de vídeos e foi catalogado datas, curtidas, hashtags, legendas, informações da bio, comentários, músicas, além da escolha de cores que compõem todo o perfil, conforme recomendações metodológicas de Debora El-Jaick Andrade (2022), que ressalta a importância de arquivar dados digitais frente à sua instabilidade e possível exclusão repentina.

Cabe reconhecer, no entanto, os limites da pesquisa no que diz respeito as plataformas envolvidas. A análise realizada nesta pesquisa contempla integralmente o perfil @Bença_docs

¹¹ Tropy é um aplicativo gratuito, projetado para auxiliar na organização e descrição de fotografias de materiais de pesquisa. Ele permite que os usuários gerenciem suas imagens de forma sistemática e detalhada, sendo desenvolvido pelo Centro de História e Novas Mídias da Universidade George Mason.

no Instagram, como dito anteriormente, considerando postagens, bastidores das filmagens, motivações para a criação do projeto, trechos do mini documentário e recepção do público. Contudo, a plataforma digital YouTube, embora também possa ser compreendida como um espaço de veiculação e circulação da memória, não será abordada sob essa perspectiva nesta pesquisa. Seu uso, se restringe a função de suporte técnico de hospedagem dos minidocumentários completos, os quais foram analisados, enquanto produções fílmicas que registram práticas, discursos e experiências das rezadeiras e benzedadeiras. Ademais, não foram considerados elementos externos a obra audiovisual, como por exemplo comentários, algoritmos ou até mesmo engajamento.

Fica claro, dessa forma, que a delimitação metodológica permite respeitar o papel distinto de cada rede social aqui citada, dentro do projeto Bença. Torna – se evidente, portanto, que o Instagram opera nesta análise como principal espaço de arquivo virtual, e o YouTube, exclusivamente, como fonte digital para complementar a pesquisa.

3. A MEMÓRIA ANCESTRAL PRESENTE NAS PRÁTICAS DE CURA DAS BENZEIDEIRAS E REZADEIRAS

Considero fundamental dedicar um capítulo para destacar a presença e a importância dessas figuras históricas, ainda que de forma breve. Essa escolha permite expandir a apresentação dos discursos das entrevistadas do documentário *Bença*, evidenciando como determinadas crenças, costumes e práticas espirituais seguem atravessando gerações ao longo dos séculos. Para fundamentar teoricamente essa abordagem, recorro a trabalhos que tratam sobre as rezadeiras, com ênfase em perspectivas psicológicas e históricas. Isso porque acredito que não é possível descrever com profundidade uma prática espiritual sem antes compreender, ainda que de maneira introdutória, a dimensão afetiva e espiritual que sustenta a vivência e a atuação dessas mulheres. Além de trazer um estudo de caso realizado por Ariosvaldo da Silva Diniz (2009) sobre um escravo, chamado Pai Manoel, que foi curandeiro de escravos libertos e pessoas pobres, durante o período de epidemia no Recife de 1856.

Assim sendo, a prática das rezadeiras e benzedadeiras constitui uma forma singular de conhecimento e espiritualidade popular, transmitida por gerações, especialmente entre mulheres, através da oralidade, da experiência e da convivência comunitária. Trata-se de um saber ancestral que envolve o corpo, a fé, as ervas, os gestos e as palavras. Seu valor transcende a cura física, pois está intrinsecamente ligado à proteção espiritual e à relação profunda com a natureza e com o sagrado (MARIN, R. C., & SCORSOLINI-COMIN, F., 2017).

Em muitos territórios do Brasil, essas mulheres são figuras centrais nas comunidades, exercendo um papel social, afetivo e religioso que nem sempre é reconhecido institucionalmente. Na busca por pesquisas referentes às práticas das benzedadeiras, observa-se na pesquisa realizada por Marin e Scorsolini (2017) que as entrevistadas, residentes das cidades de São Paulo e Minas Gerais são, em sua maioria, mulheres com faixa etária acima dos 50 anos¹². Essa observação é reforçada por entrevistas disponíveis no YouTube, como nos documentários "*Fé na Reza*", "*Bença_docs*" e no canal "*Sertão Místico*", que também destacam a presença de pais de santo e rezadeiras, sobretudo mulheres. Esse padrão indica a predominância feminina na transmissão oral desse saber cultural, que se conecta com a ancestralidade e passa de geração para geração. Essas práticas são profundamente enraizadas no sincretismo religioso, mesclando elementos do Catolicismo popular com religiões de matriz

¹² Marin, R. C., & Scorsolini-Comin, F. (2017). Desfazendo o "Mau-olhado": magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedadeiras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 446-460. <https://doi.org/10.1590/1982-370302352016>;

africana, como a Umbanda e o Candomblé. Essa fusão se manifesta na devoção a santos e entidades, nas rezas, na utilização de ervas, na valorização da mediunidade e em rituais de cura espiritual. (MARIN, R. C., & SCORSOLINI-COMIN, F., 2017).

Durante muito tempo, foram associadas ao misticismo, à superstição ou mesmo à heresia, sendo marginalizadas por discursos médicos e religiosos (MARIN, R. C., & SCORSOLINI-COMIN, F., 2017 apud RIBEIRO, 1997). Essa prática apenas fortaleceu o seu desenvolvimento devido a precariedade de médicos em algumas localidades, especialmente na zona rural e periferias urbanas. No entanto, essas práticas possuíam um profundo valor cultural e social, baseadas em saberes ancestrais de origem indígena e africana, transmitidos oralmente e em experiências comunitárias. O contexto de precariedade do acesso à medicina formal, especialmente em áreas rurais e periferias urbanas, contribuiu para que tais saberes continuassem sendo necessários e valorizados, garantindo sua persistência ao longo do século XIX e nas décadas seguintes, em um país onde o Estado brasileiro não garantia saúde pública nacional, e os serviços médicos estavam concentrados nas elites urbanas.

Um exemplo histórico que ilustra com clareza a tensão entre os saberes populares e os discursos médicos oficiais ocorreu durante a epidemia de cólera de 1856, na cidade de Recife (DA SILVA DINIZ, ARIOSVALDO, 2003). Naquele contexto, a medicina oficial brasileira enfrentava uma crise epistemológica e terapêutica, sem compreender a etiologia da doença nem oferecer tratamentos eficazes. Nesse cenário de incerteza, emergiu a figura de Pai Manoel, um curandeiro africano escravizado que atuava no engenho Guararapes. Rapidamente, ele conquistou a confiança da população negra e pobre, que o reconhecia como “doutor” e o procurava por acreditar em seus meios tradicionais de cura. Seu prestígio cresceu à medida que a confiança nos médicos diminuía, evidenciando que os saberes ancestrais africanos eram percebidos como legítimos por parte significativa da população.

Diante da comoção popular, o governo provincial autorizou que Pai Manoel atendesse no Hospital da Marinha do Recife, temendo um motim. No entanto, a tensão racial e social explodiu quando ele foi preso após a morte de alguns pacientes. A reação da população negra foi imediata, acusando os médicos e as autoridades de tentarem eliminar os pobres e os negros sob o pretexto da epidemia. Esse episódio, analisado por Diniz (2003), mostra como a doença, mais do que um fenômeno biológico, é construída social e politicamente.

O conflito em torno de Pai Manoel pode ser lido como um reflexo das políticas de embranquecimento que marcaram a história do Brasil no final do século XIX e início do XX. A ideologia do embranquecimento se baseava na crença de que o progresso do país dependia da supressão das manifestações culturais de origem africana e, da teoria eugenista. Nesse

contexto, a medicina oficial, eurocêntrica, era vista como um pilar da civilização, enquanto os saberes africanos, como o curandeirismo de Pai Manoel, eram estigmatizados como "superstição" ou "charlatanismo".

A tentativa de silenciar e marginalizar Pai Manoel não era apenas uma questão de saúde pública, era parte de um projeto maior de apagamento cultural e racial. Ao defender o curandeiro, a população negra estava, na verdade, defendendo sua própria cultura e seu direito de ter um sistema de crenças e cuidados reconhecido. A ineficácia dos médicos e a eficácia percebida de Pai Manoel colocaram em xeque a superioridade da cultura europeia e, por consequência, o projeto de embranquecimento que a elite buscava consolidar. O desfecho do episódio, com a supressão do saber de Pai Manoel, foi uma demonstração da força do Estado em manter a hegemonia de uma visão de mundo que excluía o negro.

Além de sua dimensão política e espiritual, a prática da benzeção envolve um percurso de desenvolvimento pessoal e comunitário que, conforme demonstram Marin e Scorsolini-Comin (2017), está intimamente vinculado a elementos afetivos, sociais e históricos. Em suas entrevistas com benzedeadas de Minas Gerais e São Paulo, os autores apontam que a maioria dessas mulheres inicia sua trajetória ainda na infância, por meio da convivência com figuras familiares, como mães e avós, que lhes transmitem o conhecimento por meio da observação, da repetição e da escuta. Essa herança oral é uma das principais formas de perpetuação do ofício, e seu valor reside justamente na informalidade e na experiência vivida (MARIN, R. C., & SCORSOLINI-COMIN, F., 2017).

Embora a prática seja muitas vezes descrita como um “dom” recebido de Deus, ela não exclui o aprendizado. Ao contrário, o dom se manifesta ao longo da vida, através do contato contínuo com a comunidade, das dificuldades enfrentadas e da espiritualidade cultivada. Há benzedeadas que relatam ter recebido o chamado por meio de sonhos, visões ou mesmo doenças graves, interpretadas como sinais de uma missão a ser cumprida (MARIN, R. C., & SCORSOLINI-COMIN, F., 2017). Nessa perspectiva, uma das entrevistadas do documentário *Fé na Reza*, afirma que, a benzeção se inscreve como uma vocação, mas também como uma escolha ética e afetiva, que exige disciplina, dedicação e renúncia pessoal.

De modo semelhante, observa-se um fator relevante na vivência dessas mulheres, elas acabam desempenhando também o papel de conselheiras, sendo frequentemente procuradas para resolver questões de ordem material, emocional ou espiritual (MARIN, R. C., & SCORSOLINI-COMIN, F., 2017). Como relata Dona Tomázia, a primeira entrevistada da série documental “Bença”:

“Às vezes, as pessoas vêm quer conversar comigo, quer uma explicação, quer uma orientação a respeito dos problemas ou de doença ou amoroso mesmo... dificuldade. E aí eu, eu tenho a minha mente pra isso, eu explico, eu converso com as pessoas, eu ensino como é que tem que fazer. Não deixa as pessoas a “voluntária”, né? Porque se já vem é por consideração. É por consideração, por confiança. Então a gente tem que sentar, conversar, explicar. [...] Sempre as pessoas vêm pra conversar comigo antes de falar com a caboca. Até porque gosta de ouvir realmente a minha explicação... E eu gosto de explicar, eu gosto de orientar, eu gosto de preparar as pessoas. Até porque as pessoas não sabem como é que lida com a vida do mundo. E a vida do mundo hoje pra nós umbandista tem muita coisa em torno de muitos problemas que ninguém quer passar. Ninguém quer passar, não quer admitir. E a vida hoje é essa, cheia de altos e baixos. A vida tem alegria, tem prosperidade, tem tudo! Mas é se você for buscar! Se você não for buscar... A vida é só de amargura! (BENÇA – DONA TOMÁZIA, 2024, 06min:56seg).

O discurso de Dona Tomázia, associa esse tipo de prática a um acolhimento, revelando um traço historicamente construído e essencial do comportamento humano, a busca por escuta, cuidado e sentido diante do sofrimento. Ainda que o Sistema Único de Saúde (SUS) contemple o atendimento psicológico, muitas pessoas seguem procurando no campo espiritual a resposta para dores físicas, emocionais e existenciais. Esse movimento não deve ser entendido apenas como uma recusa ao saber médico, mas como uma manifestação cultural enraizada em tradições de cuidado popular, nas quais a figura da benzedeira ocupa um lugar simbólico e afetivo poderoso. A fala de Dona Tomázia aponta justamente para essa função ampliada da benzedeira como orientadora e conselheira de vida. Ela não se limita a realizar rezas ou benzeções. Seu papel envolve escutar, aconselhar e ajudar o outro a elaborar os desafios da vida. Essa escuta ativa, cria um ambiente de confiança, que muitas vezes falta nas instituições formais de saúde.

É importante observar também o desejo de respostas rápidas e resolutivas por parte daqueles que buscam a ajuda espiritual. No entanto, como sugere a própria fala de Dona Tomázia “*a vida tem alegria, tem prosperidade, tem tudo! Mas é se você for buscar!*”, o campo espiritual não oferece soluções instantâneas, mas sim caminhos que exigem paciência, entrega e transformação gradual. Diferente da lógica biomédica, que tende a tratar os sintomas, o processo espiritual valoriza o percurso, o autoconhecimento e a conexão com o sagrado como parte do processo de cura.

Assim, o discurso de Dona Tomázia sintetiza múltiplas dimensões, ele é ao mesmo tempo um testemunho pessoal e uma prática comunitária de cuidado. Ao se colocar como alguém que acolhe, ensina e orienta, Dona Tomázia representa uma figura ancestral de cura que resiste ao tempo, atualizando seus saberes na escuta do outro e na mediação entre o sofrimento humano e o sagrado.

Outro aspecto relevante diz respeito ao imaginário social, muitas vezes atravessado por estereótipos e preconceitos. Embora diversas destas mulheres sejam respeitadas dentro de suas comunidades, ainda enfrentam resistência e discriminação, especialmente por conta das associações que se fazem entre suas práticas e religiosidade, como a Umbanda e o Candomblé, ou mesmo por visões estigmatizadas de que "isso é coisa do demônio". Tais discursos deslegitimam seus saberes e reforçam processos históricos de silenciamento e exclusão cultural. Ao ser questionada sobre essas experiências, Dona Tomázia responde:

“O meu filho hoje... Ele já me aceita. Mas aqui e acolá, ele... dá um impulsozinho. Ai quando ele vê que eu não tô gostando, ele para, aqui e acolá. Por ele, hoje eu era um “crente”, não era mais, não fazia mais parte disso aí. Porque para ele isso aí não existe, para ele existe a “crentidade”, mas o espiritismo não existe. Porque para ele o espiritismo é coisa do demônio! (BENÇA – DONA TOMÁZIA, 2024, 13min:11seg.).

Pode – se observar na fala de Dona Tomázia, que apesar do respeito dentro da comunidade, ela revela a tensão dentro do âmbito familiar e, a divergência entre diferentes práticas religiosas, mostrando como saberes populares podem ser deslegitimados mesmo no ambiente familiar.

Diante de todas essas dimensões, é possível afirmar que a prática das rezadeiras e benzedadeiras constitui uma forma de resistência e produção de conhecimento, enraizada na memória coletiva e nas dinâmicas de cuidado tradicionais. Sua valorização, portanto, é também um gesto político de reconhecimento e escuta de saberes que, embora silenciados por muito tempo, continuam vivos, seja no interior das comunidades, seja, em novos lugares como nos ambientes digitais.

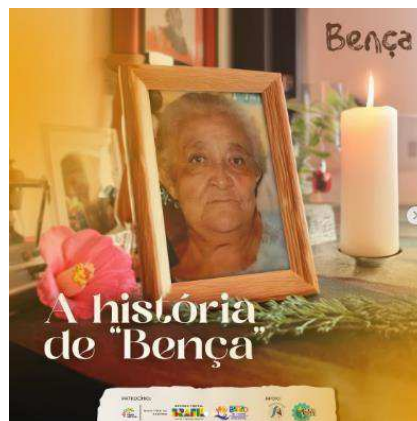
4 O PERFIL @BENÇA_DOCS: REESCREVENDO MEMÓRIAS ANCESTRAIS NO AMBIENTE DIGITAL

4.1 O PROJETO BENÇA: INSPIRAÇÕES, MEDIADORES E CONCEPÇÕES ESTÉTICAS

O projeto, intitulado “Bença¹³”, tem como criador o Professor Paulo de Tarso Tapety, graduado em Pedagogia com especialização em Áfricas e suas Diásporas, e possui Mestrado em Educação. Além de trabalhar como professor nas áreas de formação para o ensino básico, é Produtor Cultural, Ator e Artista Florianense. Além de Tarso, o filme é construído por Rafael Bezerra, designer gráfico, o qual já trabalhou em outras produções de filmes independentes, e por Igor Cruz, videomaker e fotógrafo e atua como editor e produtor de vídeos. O projeto tem como objetivo, realizar entrevistas com rezadeiras e benzedoras da região Nordeste do Brasil, resgatando histórias e memórias de práticas religiosas de cura. Tem como apoio a Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022), criada com o intuito de incentivar a cultura e a retomada de atividades culturais afetadas pela COVID – 19. Tendo apoio também, da Prefeitura de Barão de Grajaú - MA, Nova Terra e a Comunidade Espirita Cristã Joanna de Angelis. É importante ressaltar, que toda a filmagem foi feita a partir de uma câmera de celular, nos mostrando como o cinema independente pode ser produzido com aparelhos de baixo orçamento.

A inspiração para a produção deste projeto, tem como figura a avó de Tarso Tapety, Dona Socorrana do Cacimbão, rezadeira e curandeira, a obra é dedicada à sua memória, e há tantas outras mulheres e homens que doam suas vidas para essa prática de cura.

Figura 11 – Imagem de Dona Socorrana



Fonte: Acervo Instagram, 2024.

¹³ O projeto além de estar disponível na rede social Instagram, o filme completo e editado encontra – se na plataforma YouTube. CANAL Bença. 2024. Disponível em: [Bença - YouTube](#). Acesso em: 31 mar. 2025.

Tarso descreve em uma das publicações no perfil do Instagram, o motivo pelo que levou a realizar uma produção nesse nível, o mesmo escreve as seguintes palavras no post da imagem acima:

Bença, nasce exatamente 14 anos após a morte de Socorrone do Cacimbão, minha avó, uma das maiores rezadeiras de Floriano. Minha avó faleceu quando eu ainda era muito jovem, tinha apenas 13 anos. No entanto, durante o tempo em que estive com ela e quando moramos juntos, desempenhei um papel significativo que me ensinou muitas lições. Eu era conhecido como o “menino de Dona Socorrone”. Desde muito cedo, aprendi a fazer café e a receber as pessoas enfermas que a procuravam para serem atendidas por ela. Oferecia café e chá e as convidava a se sentarem em cadeiras de macarrão torcido já gastas, em frente ao quadro do Sagrado Coração de Jesus e Maria, tão simbólico para as famílias nordestinas. Quando alguém entrava em seu quarto para ser atendido, ouvia minha avó gritar alto: “Júnior”, seguido pelo nome da planta que precisava, eu corria para o quintal para pegá-la. Ali, aprendi sobre diferentes plantas medicinais, como pião roxo, vassourinha, alfavaquinha, erva cidreira, entre outras. Aprendi rápido, pois sabia que errar significava apanhar nas canelas com a planta errada para aprender. Nunca julguei minha avó. Apesar de amável, era dura em muitas ocasiões, mas carregava dores que eu nem mesmo compreendia. Criou seus 13 filhos sozinha e sempre dizia que era mais homem que muitos homens que conheceu na vida. Aprendi tanto com ela e ainda sinto a dor de não ter aprendido mais, devido a sua partida tão repentina para mim. Sinto muitas saudades da velha Socorrone, e do seu tempero, sua risada solta, suas rezas, seus ensinamentos e sua mania de me chamar de “Juninho” e me colocar para vestir os conjuntos de calça e camisa de botão feitos com os tecidos que sobravam de seus vestidos. Nunca dormia sem antes pedir a benção a minha avó e ela rezar por mim. Não saía sem sua benção e sempre a pedia curvando-me, baixando a cabeça e beijando a sua mão em sinal de respeito. “Benção” é o nome do documentário que dirigi e roteirizei, lançado hoje, no aniversário da morte de vovó, no dia dos Pretos Velhos. Embora não conte especificamente a história dela, homenageia sua cultura e seus ensinamentos. É nessa minha pequenez que a homenageio. Saravá, Socorrone! A bença, minha avó! (@BENÇA_dcos, 13 de maio de 2024).

O discurso de Tarso Tapety, criador e mediador do projeto Bença, é marcado por uma profunda carga afetiva, espiritual e política. Ao relembrar sua vivência com sua avó, Dona Socorrone do Cacimbão, Tarso ativa não apenas uma memória íntima, mas uma memória coletiva enraizada na tradição oral e nos saberes populares do Nordeste. Sua fala nasce de um lugar de experiência direta, não como pesquisador externo ou observador, mas como alguém que foi moldado por aquela vivência. Desde criança, atuava como assistente nos atendimentos espirituais da avó, preparando chás, oferecendo café e indo buscar as ervas que ela requisitava. Essa participação cotidiana o posiciona num lugar de fala legítimo enquanto continuador de um saber ancestral.

A narrativa de Tarso também carrega uma dimensão de denúncia e reparação. Ele escolhe lançar o documentário Bença no dia dos Pretos Velhos, uma data carregada de significado nas religiões de matriz africana, o que não é um gesto aleatório, mas um posicionamento político e espiritual, pois foi nesta mesma data que sua avó pereceu. Ao fazer

isso, ele insere sua avó e todas as outras rezadeiras que exercem suas práticas nas religiões de matriz afro-brasileira, reconhecendo nelas a resistência de um povo e de uma cultura marginalizada historicamente pelo racismo estrutural. Conforme Almeida (2019) descreve:

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (ALMEIDA, 2019, p. 33)

Ao declarar que o documentário não conta “especificamente a história de sua avó”, mas homenageia “sua cultura e seus ensinamentos”, Tarso amplia o alcance da sua narrativa, transformando o caso particular em um ato coletivo de valorização de um saber historicamente silenciado. A história de Socorrora não é apenas sua, ela representa tantas outras mulheres negras, pobres, periféricas, com saberes ancestrais que foram historicamente estigmatizados como superstição ou “coisa do demônio”. A própria memória da infância, entre as cadeiras de macarrão torcido e os quadros do Sagrado Coração de Jesus e Maria, evoca um imaginário popular nordestino que mistura fé e resistência.

O texto de Tarso também se move por uma ética da escuta e da presença. Ao dizer “é nessa minha pequenez que a homenageio”, ele rejeita a autoridade acadêmica verticalizada, e afirma uma outra forma de construir conhecimento, pela vivência, pela escuta, pela reverência. Sua linguagem é profundamente afetiva, com destaque para termos como “Juninho”, “benção”, “risada solta” e “dor de não ter aprendido mais”. Esse campo semântico do afeto opera como ferramenta contra o esquecimento. Ele não apenas conta uma história, ele sente a história que conta, e é nesse sentir que reside seu saber epistemológico.

Do ponto de vista histórico, o projeto de Tarso se insere num movimento mais amplo de valorização dos saberes populares e da história oral. Ele cria um documento audiovisual que não apenas registra as práticas das rezadeiras, mas também as apresenta em um formato acessível, nas redes sociais, aproximando a academia do público. Embora seu discurso não se apresente com uma linguagem acadêmica formal, ele realiza, na prática, um gesto profundamente historiográfico, alinhado às abordagens contemporâneas da História Pública, da História do Tempo Presente e dos estudos decoloniais.

É possível identificar ainda um interesse pedagógico e cultural, uma vez que o projeto promove uma educação que desconstrua ideias errôneas de práticas de cura ancestral, bem como a valorização da memória de antepassados. Não se trata de uma oposição frontal ao saber espiritual, antes, esse saber foi historicamente desqualificado pela lógica cientificista que domina os discursos sobre saúde e espiritualidade, ao lembrar que sua avó curava com rezas,

plantas e palavras, saberes que não foram aprendidos em universidades, mas transmitidos pela convivência, pela escuta e pela experiência vivida.

Assim, Tarso Tapety ocupa simultaneamente os lugares de neto, sucessor, roteirista, professor e agente cultural. Seu discurso não é apenas testemunho, mas também ato de insurgência contra o esquecimento, uma proposta de reconstrução identitária a partir das raízes que o constituem. Ele não fala de fora, ele fala de dentro, do corpo que viveu, da memória que sente falta, do saber que continua em movimento. Sua fala, portanto, é política, espiritual, pedagógica e histórica. E é justamente dessa encruzilhada que nasce a potência do projeto Bença, que transforma um luto pessoal em memória coletiva, e uma lembrança íntima em um gesto de resistência cultural.

É a partir dessa vivência afetiva e politicamente engajada que Tarso mobiliza os meios digitais como instrumentos de veiculação, circulação e (re)construção de memórias ancestrais. O projeto não se limita à relembração nostálgica do passado, ele se concretiza em ações audiovisuais que atualizam a tradição e lhe conferem novas formas de circulação. Antes mesmo dos compartilhamentos no YouTube, o perfil no Instagram já havia se tornado um espaço estratégico de aproximação com o público e de veiculação das experiências narradas.

A primeira publicação lançada em 13 de maio de 2024, apresenta a entrevista com Dona Tomázia, a segunda, publicada em 20 de novembro do mesmo ano, traz a fala de Dona Jovita, ambas compartilhadas na plataforma YouTube. Essas produções demonstram o compromisso do autor com a multiplicação dos saberes das benzedeadas, ampliando o alcance de suas vozes e de suas histórias, em diferentes meios digitais.

Na sequência, apresento respectivamente as entrevistadas, Dona Tomázia e Dona Jovita, cujos testemunhos constituem parte significativa deste estudo.

Figura 12 – Fotografia de Dona Tomázia



Fonte: Acervo Instagram, 2024.

Dona Tomázia, mulher preta, umbandista, possui 73 anos de idade, reside na cidade de Barão de Grajaú, no estado do Maranhão, aparentemente na zona rural do município. Ao longo da entrevista, Dona Tomázia explica como foi o processo de pertencimento a religião da Umbanda, sua relação com os encantados, como a mesma nomeia ao falar das entidades da Umbanda, especificamente a sua Cabocla, a qual demonstra um imenso carinho e admiração. Durante a entrevista, é apresentado como é realizado o processo de cura do outro, o que utiliza – se, como algumas ervas e plantas, e todo o processo é realizado tanto por Dona Tomázia quanto sua Cabocla. Dona Tomázia também relata sobre o preconceito, tanto da sua família quanto de pessoas ao seu redor.

É admirável o conhecimento que ela adquiriu apenas com as vivências da vida e sua profunda conexão com a espiritualidade, concebida no simples ato de existir. O primeiro filme produzido e dirigido por Tarso, foi o que me inspirou a pesquisar e escrever sobre a memória de benzedeadas e rezadeiras no meio digital. Se para Tarso, esse projeto significa homenagear sua avó, e de certa forma conectar – se com ela, para mim tornou – se a justificativa para registrar por escrito as histórias e memórias veiculadas no ambiente digital, de mulheres como Dona Tomázia e Dona Jovita. Além disso, é também uma forma de me sentir mais conectada da minha avó – Dona Detinha¹⁴. Trazendo – a comigo neste projeto escrito.

A segunda entrevistada é Dona Jovita, católica, mora na zona rural do Município de Oeiras – PI, em um lugar chamado Retiro. A entrevista é iniciada com Dona Jovita recolhendo algumas plantas, e ao fundo pode – se escutar sua voz, como se a mesma estivesse abençoando

¹⁴ Minha avó, Dona Detinha, partiu antes que eu pudesse mostrar a ela este instante único da minha vida, minha entrada na universidade. Também foi professora, mulher de saber e de coragem, que ensinava com palavras e com gestos, em uma casinha simples na zona rural de Monteiro, mas especificamente, no sítio Boa Esperança. Imagino que se alegraria ao me ver seguindo por caminhos que, de algum modo, conversam com os dela. Mesmo sem ter presenciado este momento, sua presença me acompanha como quem caminha ao lado, silenciosa e firme, entre os cadernos e as ideias.

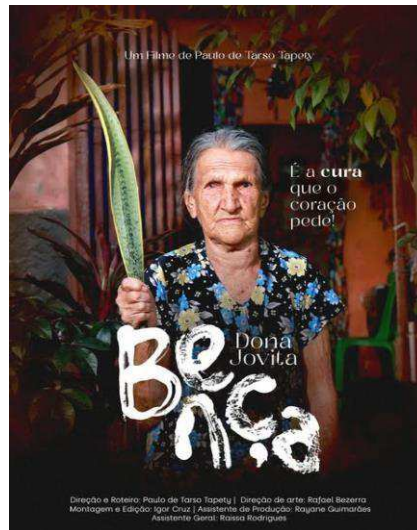
Em tempos nos quais o destino das mulheres era, muitas vezes, delimitado pelos muros do lar, minha avó, Dona Detinha desafiou os limites que a época lhe impôs. Durante anos, cuidou dos filhos, da casa, das rotinas impostas, mas, já na última fase da vida, idosa, escolheu cuidar de si. Reinventou o cotidiano com pequenos gestos de liberdade, sem alarde, mas com determinação. Havia força e delicadeza em seu modo de estar no mundo. Os cabelos bem arrumados, a maquiagem leve, a roupa escolhida com atenção. Eu a via diante do espelho, em silêncio atento, como quem esculpe a própria presença, e ouvia sempre, mesmo nos momentos mais simples ou inesperados: *"A gente tem que se cuidar, Aninha, tem que estar bonita, bem arrumada."*

Essa frase, que poderia parecer banal, era um ensinamento profundo. Não se tratava apenas de vaidade, mas de um pacto com a vida, uma escolha cotidiana por continuar, por se manter erguida, por dentro e por fora. Em dias difíceis, quando eu buscava abrigo em sua presença e ela não sabia exatamente como ajudar, oferecia-me uma frase que, com o tempo, se transformou em lema: *"A vida é bela, puxe por ela, Aninha."* Era sua forma de me dizer que havia beleza, mesmo na travessia.

Hoje, cada palavra que escrevo é atravessada por sua memória. Dedico a ela, em silêncio e afeto, cada linha desta caminhada. Como quem borda lembranças com gratidão, deixo aqui um gesto de amor, o mais profundo que aprendi com ela: cuidar, resistir e seguir sempre em frente.

algo, gosto de imaginar que ela esteja abençoando quem a escuta e observa, mesmo que de forma digital.

Figura 13 – Fotografia de Dona Jovita



Fonte: Acervo Instagram, 2024.

Após esse breve registro, Dona Jovita relata um pouco os lugares onde morou com seus filhos e filhas, e os percalços e felicidades que a cometeram. Dona Jovita se mostra como uma mulher forte e cheia de vida, além de possuir uma característica que me surpreendeu, a sua forma cômica de ver e viver a vida. Ela conta a história de quando roubou um santo, mas que não foi por maldade, pois a mesma é devota de São Sebastião desde muito jovem. Ela sempre ia na casa de um homem rico buscar leite, e essa família sempre festejava São Sebastião, e Dona Jovita sempre que podia ia visitar a família. E certo dia, ela teve a brilhante ideia de roubar o santo São Sebastião, chegando em casa com medo de falar a sua mãe, ficou nervosa e ansiosa. Com o passar de um certo tempo, teve coragem e perguntou a mãe: “Faz mal a gente roubar santo?”, a mãe responde que não, no entanto só se rouba santo quando quer que chova muito na região, e que não é todo santo que se rouba, caso o motivo não seja esse, aí sim faz mal roubar santo. No final da conversa, Dona Jovita conta a mãe que roubou um santo, e que era São Sebastião. A mãe de Dona Jovita entrou em desespero e obrigou a filha a devolver o santo. No final de tudo, o santo foi entregue, choveu por mais de três dias, e até hoje Dona Jovita é devota de São Sebastião.

Ao longo da entrevista Dona Jovita relata que reza para praticamente tudo, como vento caído, quebrante, mal olhado¹⁵ e tudo que toca em cima do corpo ela reza. O diferencial de dona

¹⁵ Vento caído, acarreta apenas bebe de colo e criança, e o “vento” da criança ou do bebe, cai quando toma um susto, ou quando alguém sacode a criança. O mal olhado e o quebrante, segundo Dona Jovita, são semelhantes,

Jovita para Dona Tomazina, é que ela não aprendeu com ninguém a pratica de rezar no outro, nem a prática de cura. É apresentado na entrevista as ervas e folhas que Dona Jovita possui em seu quintal, e descreve o que cada uma serve. Como por exemplo, a folha de Malva do Rei é indicada para gripe, dor de lado e pneumonia.

No final da entrevista Dona Jovita deixa um ensinamento de vida para todos aqueles que buscarem assistir sua entrevista, na qual diz que espera que todos nós vivamos na paz de Deus, em plenitude com o próximo. Fé para tudo. Não poderia deixar de registrar em palavras, nos últimos segundos da entrevista, no qual somos contemplados com sua risada, cheia de fé.

4.2 ANÁLISE DAS FONTES DE AUDIÊNCIA DO PERFIL @BENCA_DOCS NO INSTAGRAM

Os dados aqui apresentados foram obtidos de forma direta por meio de contato com o responsável pelo perfil @benca_docs no Instagram, no dia 26 de maio de 2025, via aplicativo WhatsApp. Esse contato se deu a partir das informações de contato público disponíveis na biografia do perfil pessoal do idealizador do projeto. Os dados compartilhados correspondem às estatísticas internas da plataforma e são de acesso exclusivo do administrador da conta, o que torna essa fonte particularmente relevante e única para a presente pesquisa. A análise dos dados revela aspectos significativos sobre a recepção do conteúdo digital produzido pelo projeto, indicando, sobretudo, o perfil sociocultural do público que consome e interage com a temática das benzedeadas e rezadeiras.

No recorte geográfico, os números indicam uma forte concentração regional, com destaque para a cidade de Floriano, no Piauí, que representa 16,1% dos acessos. Essa predominância sugere um vínculo direto com o território de origem ou atuação das personagens retratadas. Outras cidades como São Paulo (6%), Barão de Grajaú (5,2%) e Teresina (3,2%) também aparecem com participação relevante, apontando uma disseminação regional ampliada, com presença tanto em capitais quanto em cidades menores, incluindo fronteiras entre estados como Maranhão e Piauí.

nem sempre vem com más intenções, é adquirido quando alguém elogia muito uma pessoa, como o cabelo por exemplo. E dias depois, o cabelo cai mais do que o normal.

Figura 14 - screenshot das principais cidades que acessam o perfil



Fonte: Dados cedidos pelo administrador do perfil @bença.

Em relação à abrangência nacional e internacional, observa-se que o conteúdo do perfil @benca_docs é consumido majoritariamente no Brasil, com 97,6% do público nacional. No entanto, é interessante notar a presença de seguidores em países como Portugal (0,8%), Estados Unidos (0,4%) e Espanha (0,4%), o que pode ser interpretado como indício da circularidade global das culturas tradicionais brasileiras, especialmente por meio de redes migratórias e acadêmicas que se interessam pelas expressões do patrimônio imaterial.

Figura 15 - screenshot dos principais países que acessam o perfil

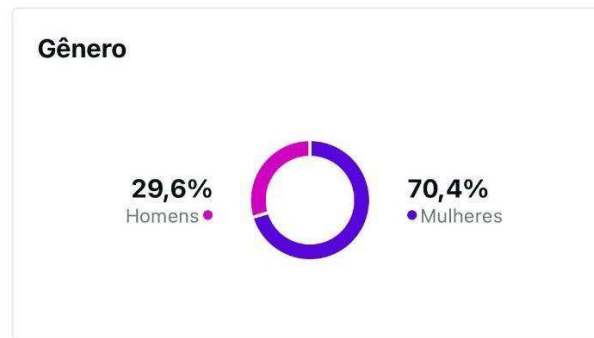


Fonte: Dados cedidos pelo administrador do perfil @bença.

O recorte por gênero mostra uma predominância feminina expressiva entre os seguidores do perfil, com 70,4% de mulheres e 29,6% de homens. Esse dado reforça uma dimensão já observada nas práticas das próprias benzedeiças, que historicamente são exercidas e transmitidas por mulheres.

¹⁶ Conjunto de quatro imagens fornecidas diretamente pelo responsável do perfil @benca_docs no Instagram, com autorização para uso neste trabalho acadêmico. Os dados foram extraídos da própria plataforma e disponibilizados pelo administrador em 26 maio de 2025.

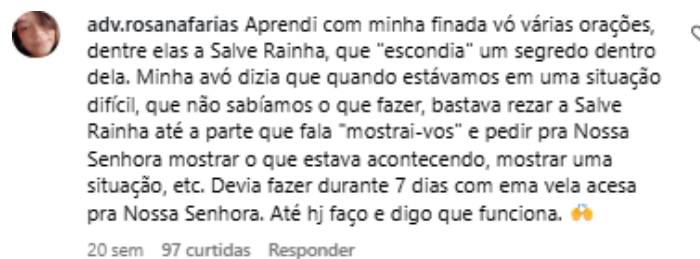
Figura 16 – screenshot do gênero que mais acessa o perfil



Fonte: Dados cedidos pelo administrador do perfil @bença.

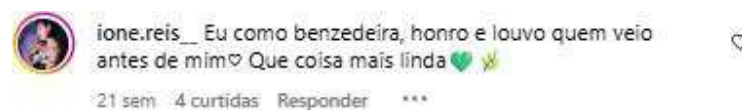
Nesse sentido, o ambiente digital se torna um lugar de pertencimento, no qual essas mulheres reafirmam sua identidade e fortalecem os laços de continuidade com um passado ancestral. Como pode ser encontrado em comentários das publicações do perfil:

Figura 17 – screenshot de comentário



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Figura 18 – screenshot de comentário



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Quanto à faixa etária, o maior percentual está na categoria 25 a 34 anos (35,9%), seguida por 35 a 44 anos (29%). Juntas, essas faixas representam quase dois terços do público, o que evidencia que o conteúdo do @bença_docs alcança adultos jovens, conectando saberes tradicionais com uma geração que atua ativamente nas redes digitais. As faixas 45 a 54 anos (14,1%) e 18 a 24 anos (11,7%) também marcam presença, apontando um público diversificado, mas com maior engajamento entre pessoas em idade adulta, possivelmente envolvidas em

processos de reconexão com a ancestralidade ou interessadas em debates identitários contemporâneos.

Figura 19 – screenshot das principais faixas etárias que acessam o perfil



Fonte: Dados cedidos pelo administrador do perfil @bença.

Em síntese, os dados de audiência do perfil @bença_docs revelam um público majoritariamente feminino, jovem-adultos e localizado no Brasil, com destaque para o Nordeste. Essa composição sugere que os conteúdos compartilhados, centrados nas práticas das benzedoras e rezadeiras, reverberam com força em territórios e sujeitos marcados por vivências afetivas e culturais ligadas à tradição oral, à religiosidade popular e à valorização de saberes invisibilizados. A análise desses dados se mostra fundamental para compreender quem são os sujeitos que consomem, compartilham e reagem a essas memórias digitalizadas, bem como os caminhos pelos quais o passado é ressignificado nas redes sociais.

4.2 ANÁLISE MULTIMODAL DO PERFIL @BENÇA_DOCS NO INSTAGRAM

Figura 20 – Screenshot Biografia do perfil



Fonte: Acervo Instagram, 2024.

O perfil @bença_docs constata no dia 13 de agosto do ano de 2025, com exatamente 9.464 seguidores e 29 publicações, entre elas *reels* e posts, tanto no estilo carrossel – com mais

de duas imagens – como apenas uma única imagem. A categoria do perfil é classificada como “filme”, e a biografia apresenta de forma breve o propósito do projeto, além de disponibilizar o link para o canal no YouTube, onde se encontra o minidocumentário completo. Destaca-se ainda a escolha musical incorporada ao perfil, um recurso da própria plataforma que permite adicionar uma faixa sonora de fundo à página inicial. Tarso Tapety optou por um ponto de Preta Velha, intitulado “Fio, Se Suncê Precisé”, o que já indica, logo no primeiro contato com o perfil, a atmosfera espiritual e ancestral que permeia o projeto.

Em seguida, foi realizada uma observação da organização visual e estética do perfil. Percebe-se uma paleta de cores que se complementa em tons de amarelo, verde e vermelho, frequentemente associadas a elementos estéticos afro-brasileiro. Além disso, diversos posts apresentam elementos gráficos que reforçam a simbologia sagrada, como folhas de Espada-de-São-Jorge, guias espirituais e outros elementos da natureza. Essa composição visual não é aleatória, ela comunica de forma visual o que deseja passar ao usuário da plataforma, além de realizar uma conexão entre valores étnicos e o espaço digital. Como pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 21 – screenshot do post do perfil @bença_docs



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Entre as publicações analisadas do perfil @bença_docs, destaca-se o reels datado de 7 de maio de 2024, que apresenta uma abordagem audiovisual do trailer do documentário de Dona Tomázia, uma mulher preta, umbandista, em pleno exercício de sua prática espiritual.

Figura 22 – screenshot da capa do reels



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

O formato adotado em um vídeo curto e dinâmico, já evidencia uma estratégia comunicacional voltada não apenas ao engajamento, mas também à circulação de narrativas que historicamente foram silenciadas. Como destaca José D' Assunção Barros (2022):

[...] os recursos disponibilizados pela nova sociedade digital trazem características como a sua abrangência social, a diversificação cultural, uma discursividade multimodal (não apenas discursos construídos com palavras, mas também com imagens e sons), a instantaneidade na comunicação, uma maior visibilidade através do mundo digital, novas formas de sociabilidade, invejável eficiência no armazenamento de dados e recursos mais eficazes para a sua análise. Todos estes aspectos, e outros mais, compõem a cultura digital. (BARROS, 2022, p. 57)

Ao destacar que a cultura digital é marcada por uma discursividade multimodal, por novas formas de sociabilidade e por uma maior visibilidade de conteúdos diversos, José D'Assunção Barros (2022) chama atenção para o potencial transformador das tecnologias digitais na produção, veiculação e circulação do conhecimento. Em ambientes como o Instagram, essas características possibilitam o surgimento de espaços que acolhem memórias e narrativas antes invisibilizados pela historiografia tradicional. No caso do perfil @bença_docs, as possibilidades multimodais (que envolvem som, imagem, vídeo e texto) são exploradas, para dar corpo a memórias ancestrais. O conteúdo não apenas informa, ele emociona, evoca, convoca o público a se conectar com estas mulheres. Essa construção, por exemplo, não se daria da mesma forma em um suporte exclusivamente textual ou acadêmico.

Nesse contexto de busca por novos alcances, Barros (2022) propõe uma reflexão interessante, por que não pensar em “futuras teses de história que poderiam ser defendidas não mais em formato – livro, mas em formato – filme?” p. 68. Será que o alcance ampliado tão almejado pelos acadêmicos para levar as implicações da pesquisa histórica para além dos muros universitários, poderia, enfim, ser realizado ao se adotar a historiografia em formatos como o filme? Essa abordagem não apenas democratizaria o acesso ao conhecimento histórico, mas também permitiria a apresentação de evidências não-textuais e narrativas visuais de forma mais impactante e envolvente, conectando-se a públicos diversos.

Retomando a discussão, o que Barros aponta como "maior visibilidade" é fundamental para compreender como projetos como esse conseguem superar a barreira da invisibilidade. Ao utilizar um espaço de grande circulação como o Instagram, essas memórias ganham projeção e chegam a públicos amplos, rompendo as barreiras geográficas e sociais que antes restringiam seu alcance. Ainda assim, é preciso reconhecer que essa visibilidade não é neutra, ela depende de algoritmos, de engajamento e da forma como o conteúdo é percebido como relevante ou não dentro da lógica da plataforma e de quem a manuseia. Como ressalta a pesquisadora Van Dijck (2007), é fundamental atentar – se para quem utiliza, como utiliza e com que finalidade. Assim, mesmo quando há uma construção de saber histórico, seja no campo acadêmico ou fora dele, é preciso possuir um olhar e mente críticas para o tipo de discurso que se apresenta.

Diante disso, o vídeo alterna entre capturas que mostram Dona Tomázia benzendo, preparando banhos e manuseando elementos ritualísticos no seu espaço espiritual onde atua. São exibidos o altar com imagens de santos e entidades, velas acesas e alguns tipos de plantas que estão espalhados no seu terreiro, elementos que compõem um ambiente ao mesmo tempo doméstico e sagrado.

Figura 23 – screenshot do reels onde Dona Tomázia prepara um banho de limpeza espiritual



Fonte: Acervo perfil @bença_dcos

Figura 24 – screenshot de Tarso banhando – se com um preparo de ervas para limpeza espiritual



Fonte: Acervo perfil @bença_dcos

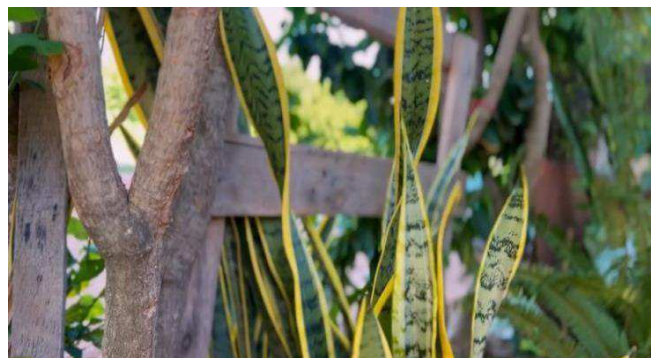
Figura 25 – screenshot da filmagem do altar



Fonte: Acervo perfil @bença_dcos

A estética do vídeo não é apenas decorativa, mas comunicacional, cada elemento visual é portador de sentido. A câmera enfatiza o rosto e, especialmente, as mãos da benzedeira, há destaque também para as plantas, como a espada de São Jorge, a qual evoca a simbologia ancestral afro-brasileira e reitera a natureza como fonte de cura e mediação com o espiritual, inserindo – se, portanto, no contexto do sincretismo religioso.

Figura 26 – screenshot do recorte da planta que representa o Orixá Iansã



Fonte: Acervo perfil @bença_dcos

Figura 27 – screenshot do recorte da planta que representa o Orixá Ogum



Fonte: Acervo perfil @bença_dcos

No campo sonoro, a trilha do vídeo é composta pela fala pausada e ritmada de Dona Tomázia, que narra experiências e saberes construídos ao longo da vida. Em um dos frames do vídeo, Dona Tomázia exclama: *“Você vê assim o trabalho dela (Cabocla) e você jura que sou eu. Ela deixa a pessoa alcançar ela e me alcançar também.”* Esta fala expressa o gesto de incorporação espiritual como forma de mediação entre os mundos visível e invisível, entre o sagrado e o terreno. Mais do que um depoimento, trata-se de uma enunciação carregada de ancestralidade, em que o “eu” não se limita à individualidade, mas se conecta a uma linhagem de entidades, práticas e forças espirituais.

Visualmente, há algo simbólico no vídeo, a aparição de uma criança — possivelmente neta da entrevistada — que pronuncia o nome do projeto “Bença” no final do vídeo. Esse gesto aparentemente simples, o ato de pedir a benção aos mais velhos como sinal de respeito e proteção, (re)constrói uma prática ancestral, veiculando – a para o ambiente digital. A benção, nesse contexto, funciona como um signo de continuidade cultural, evocando laços familiares e respeito à velhice. É um exemplo de como o projeto articula o cotidiano ao simbólico e sagrado, transformando pequenos gestos em manifestações de resistência cultural.

Figura 28 – screenshot da criança pedindo a bença a Dona Tomázia



Fonte: Acervo perfil @bença_dcos

A linguagem utilizada na edição do vídeo, com cortes suaves, uso de luz natural e trilha sonora limpa, favorece a construção de uma narrativa serena e respeitosa. O conteúdo não se impõe pela espetacularização, mas pela intimidade, revelando o fazer e o saber como dimensões indissociáveis.

A recepção do post, consta com 417 curtidas, 117 comentários e 210 compartilhamentos, o vídeo alcança um público engajado. Os comentários, mesmo quando compostos apenas por emojis (como palmas ou corações), funcionam como linguagem digital de aprovação, afeto e reconhecimento simbólico. Comentários como o de @layla_slyva07 expressa entusiasmo e admiração. A fala ressalta o alcance do projeto, a memória evocada pela série não se esgota no presente, mas se projeta como herança afetiva e cultural para o futuro.

Figura 29 – screenshot de comentário



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Neste outro comentário, é refletido a experiência pessoal, na qual exclama como comprovação de pertencimento a uma cultura popular, reafirmando a relevância social das práticas retratadas. Essa resposta reforça o conceito trabalhado por Van Dijck (2007), em que uma memória é perpassada de um lugar privado, uma lembrança íntima, para um lugar público, neste caso a internet e as redes sociais. Junta – se também a ideia principal da pesquisadora Alison Landsberg, com o conceito de memórias prostéticas, na qual retrata que esse tipo de memória surge do encontro entre o indivíduo e uma representação midiática. Ou seja, “essas memórias não são o resultado da experiência vivida, mas uma experiência vicária estabelecida através de uma representação.” (SILVEIRA, 2021). Dando uma explicação mais simples, o tipo de memória não é algo individual, mas sim colocado em nós mesmos, como se fosse algo postigo. Não é uma memória que foi vivenciada por si mesmo, mas sim uma memória que foi ouvida ou vista em alguma mídia digital, seja filme, livro, notícia, pagina de fãs, internet. É como se você estivesse "vivendo" aquela experiência através da mídia, e essa "vivência" – vicária – acaba criando uma memória em você, mesmo que ela não seja sua de verdade.

Figura 30 – screenshot de comentário



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Outro exemplo relevante é a publicação que divulga a exibição do curta-metragem “Bença” no 18º Encontro Nacional de Cinema e Vídeo dos Sertões. A publicação apresenta tons de amarelo, verde e roxo, dando continuidade e padronização na estética das postagens do perfil. A presença de ícones que remetem a cultura nordestina, como o cacto, além da tipografia escolhida, a qual remete a xilogravura, uma característica da literatura de cordel do nordeste brasileiro. As informações presentes na imagem dão destaque para o nome do evento localizado no topo da imagem, seguido pelo título do documentário, nome do diretor, data, horário, local da exibição e uma breve sinopse do curta metragem. Observa – se também a imagem de Dona Tomázia, em destaque no canto inferior esquerdo, comunica não apenas quem é a protagonista da narrativa, mas imprime um rosto, uma presença encarnada e afetiva à memória que o filme se propõe a resgatar.

Figura 31 – screenshot do post divulgando a estreia do documentário em um evento



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Contudo, para além de sua função informativa, a postagem também atua como um gesto político de veiculação de memória. Ao destacar Dona Tomázia, uma mulher preta, idosa, umbandista e rezadeira dos “canfimfim” do Maranhão” o cartaz contribui para a reconstrução de memórias históricas silenciadas, dando visibilidade a experiências ancestrais que frequentemente são marginalizadas pelas narrativas hegemônicas da história oficial.

Complementarmente, é importante destacar o cuidado do criador e mediador em não restringir o alcance do curta apenas ao meio digital. A escolha de apresentar o documentário em um evento público e nacional como o Encontro Nacional de Cinema e Vídeo dos Sertões revela uma preocupação em expandir o acesso à narrativa construída, levando-a a públicos que, muitas vezes, estão fora das redes sociais, mas profundamente interessados na temática proposta. Esse gesto amplia o potencial de escuta e reconhecimento dessas memórias, reafirmando a responsabilidade ética de Tarso Tapety, diante das comunidades que representa.

Com isso, a sinopse do cartaz não apenas apresenta a personagem central do mini documentário, mas também reafirma a importância do saber tradicional como forma de resistência e produção de conhecimento. Ao afirmar que Dona Tomázia “cura as dores e mazelas do seu povo com sua fé e sabedoria ancestral”, o texto reconhece a atuação dessa mulher como prática histórica viva, que atravessa o tempo por meio da oralidade, do cuidado comunitário e da espiritualidade.

Como propõe José D’Assunção Barros (2022), ao adentrar nos meios digitais com responsabilidade e intencionalidade, é possível transformar a internet e as plataformas digitais como o Instagram, em territórios de afirmação de memórias coletivas. A partir desse gesto, o trabalho de Tarso Tapety demonstra como as mídias digitais podem atuar como ferramentas de escuta, visibilidade e reconhecimento de trajetórias silenciadas, contribuindo para uma prática historiográfica comprometida com a diversidade de vozes.

Por fim, a postagem obteve 116 curtidas, 5 comentários e 10 compartilhamentos. Ainda que os comentários sejam breves, compostos majoritariamente por emojis como palmas e corações, uma linguagem estritamente virtual, expressando aprovação, afeto e respeito de forma não-verbal. A ausência de palavras não reduz o impacto da interação, ao contrário, sinaliza que a presença de Dona Tomázia e a proposta do documentário geram identificação imediata e emocional. Os compartilhamentos reforçam esse engajamento, expandindo o alcance do conteúdo para novos públicos e consolidando o perfil @benca_docs como um espaço de veiculação e reconhecimento das ancestralidades.

Figura 32 – screenshot da capa do reels



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

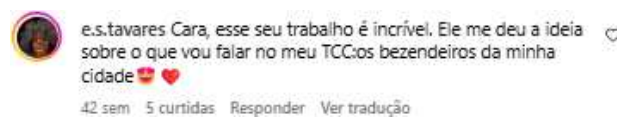
Dando seguimento a análise das fontes, a publicação demonstrada acima, publicada no Dia do Cinema Nacional (19 de junho) vai além da simples celebração de uma data simbólica. Ela carrega um gesto político e estratégico ao divulgar um projeto audiovisual que nasce das margens, feito com recursos limitados, sem grandes equipes técnicas, gravado com um único celular, o criador reivindica um lugar legítimo para esse tipo de produção no cenário cinematográfico brasileiro. Trata-se de um posicionamento que rompe com uma visão elitista do cinema, frequentemente voltada a padrões técnicos e institucionais excludentes.

Tarso Tapety afirma que seu projeto Bença também é cinema nacional, não por se encaixar nas exigências do mercado ou da indústria, mas por registrar com sensibilidade e verdade experiências enraizadas em práticas populares, espirituais e territoriais. Esse gesto confere potência à sua produção, é a intencionalidade e o comprometimento ético com a memória ancestral que o torna relevante, não os aparatos técnicos.

Um aspecto marcante do vídeo é a decisão de compartilhar os bastidores do documentário, especialmente as gravações com Dona Jovita, segunda entrevistada do projeto. Tarso rompe a fronteira entre o que está “pronto para o público” e o que normalmente permanece invisível no processo de criação. Ao mostrar cenas de preparação, o livro utilizado (Negritude, cinema e educação organizados pela autora Edileuza Penha de Souza) para estudo antes da gravação e o espaço onde ocorrem as edições — o chamado "QG" — o que demonstra o trabalho ético de Tarso, no qual é desenvolvido de forma cuidadosa, envolvendo pesquisas e além disso, a escuta e compreensão.

Assim como a publicação anterior, a linguagem virtual se mantém presente, com comentários que envolvem palmas e corações. Destacando 258 curtidas, 43 comentários e 10 compartilhamentos. Mas há um comentário que merece destaque, o da usuária @e.s.tavares. Esse comentário evidencia o impacto direto do conteúdo do perfil na formação de novos projetos de pesquisa, destacando o papel que as redes sociais podem apresentar, como espaço de inspiração e produção de conhecimento.

Figura 33 – screenshot de comentário



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Figura 34 – screenshot da capa do reels



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Neste post em particular, publicado no dia 1 de novembro de 2024, Tarso inicia o discurso abordando a polissemia da palavra "bença", afirmando que "não tem ponto final, não tem interrogação, não tem exclamação". Ele explica que a palavra pode ser tanto uma pergunta "um pedido como nós fazíamos para os nossos mais velhos" quanto uma exclamação ou desejo, como "Deus te abençoe", que é recebido de volta. Esse vídeo, contém uma proposta de veicular a visão do criador e diretor, estabelecendo a complexidade e a profundidade do conceito central do projeto. Ao desassociar "bença" de pontuações fixas, ele sugere que o termo transcende uma única definição, abraçando um espectro de significados que vão desde a busca por algo até a manifestação de um desejo.

Em seguida, Tarso cita o Poeta Nego Bispo, utilizando a frase "É preciso voltar para casa" como uma forma de "resumir bem o que bença é". Essa referência é um ponto alto do discurso, pois adiciona uma camada de profundidade filosófica e cultural ao projeto. Ao invocar essa frase, Tarso sugere que "bença" não é apenas uma interação verbal, mas um retorno a algo fundamental, a uma origem, a um saber ancestral. "Voltar para casa" pode ser interpretado como um resgate de valores, tradições e conexões que a sociedade moderna muitas vezes negligencia, e finda caindo no esquecimento. É um chamado para reconectar-se com as raízes, com a sabedoria dos mais velhos e com a própria identidade cultural.

A partir daí, Tarso revela a motivação pessoal por trás do projeto, conectando-o diretamente à sua avó, Socorrora do Cacimbão, e ao seu papel como rezadeira. Ele menciona que a ajudava na rezadoria, insinuando sua própria participação e aprendizado com ela. O projeto "Bença", portanto, se torna um "caminho de volta para casa" para Tarso, uma forma de revisitar suas próprias origens e a influência de sua avó.

Ele expressa um desejo profundo de ter tido a bença de sua avó, assim como ele tem a de outras mulheres neste segundo episódio. A revelação de que sua avó "morreu cedo pra mim" e que "não tem registro" é o cerne emocional do discurso e a principal força motriz do projeto. A ausência de registros ou memórias tangíveis de sua avó o impulsiona a criar um espaço para que outras histórias de avós e rezadeiras sejam contadas e preservadas. É um ato de homenagem, não apenas à sua avó, mas a "outras avós, outras rezadeiras e outros netos que desejam ter essas histórias contadas".

Tarso acaba o vídeo refletindo que "Bença é mais que tudo, o desejo de contar histórias que jamais devem ser esquecidas" abrange a essência do projeto. Ele transforma a "bença" de um simples cumprimento em um ato de preservação cultural e memória afetiva. O projeto se posiciona como um guardião dessas narrativas orais, que são muitas vezes marginalizadas ou perdidas. É um reconhecimento do valor intrínseco das histórias de vida, especialmente aquelas que vêm de figuras como as rezadeiras, que carregam consigo saberes e tradições ancestrais.

O discurso de Tarso serve como um manifesto. Ele não apenas explica o que "bença" significa para ele, mas também convida o público a participar ativamente desse resgate de memória e cultura. O evento no Teatro Maria Bonita em 5 de novembro é o ápice dessa jornada, onde a "história de bença" será compartilhada, materializando o propósito do projeto.

Em suma, o discurso de Tarso é um apelo poderoso à memória, à ancestralidade e à valorização das histórias que moldam nossa identidade. Ele utiliza a polissemia da palavra "bença" como ponto de partida para explorar um universo de significados que incluem respeito, conexão, ancestralidade e, acima de tudo, a importância de preservar narrativas que, de outra

forma, seriam esquecidas. O projeto "Bença" é, portanto, um ato de reatar – se com suas próprias raízes, um "caminho de volta para casa" para Tarso e para todos aqueles que buscam reconectar-se com si mesmo e com a sabedoria transmitida pelos mais velhos. Com isso, o reels adquire 373 curtidas, 51 comentários e 27 compartilhamentos.

Figura 35 – screenshot da capa do reels



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

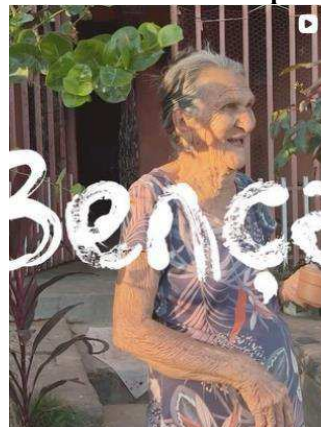
Até o momento, o perfil apresenta uma diversidade nas propostas de suas publicações, distanciando -se de uma padronização. Cada publicação, possui um propósito singular e uma abordagem única. Outra análise que pode ser observada, é na escolha do tipo de publicação que Tarso optou, em sua maioria em vídeo (reels), essa escolha é justificável, visto que, o perfil ganha um alcance significativo de um público maior, atingindo não apenas os seguidores do perfil, mas também uma vasta audiência de não seguidores. O screenshot da capa do reels apresentada acima, mostra o vídeo publicado no 3 de novembro de 2024, tendo como proposta ir as ruas apresentar um trecho do documentário focado na entrevista de Dona Jovita.

O cerne central desta análise está centrado nas reações emocionais dos espectadores, que se configuram como dados qualitativos relevantes para a pesquisa, revelando a eficácia daquilo que podemos compreender como uma "memória protética", no que apresenta a autora Alison Landsberg. A exclamação “memória desbloqueada” dita por uma entrevista na rua, atua como um testemunho contundente do poder do filme em operar como uma extensão da memória. Nesse processo, a experiência da alteridade, representada nas figuras da rezadeira e da avó, não apenas emerge, mas se entrelaça com o universo íntimo de quem assiste, ativando redes de memória afetiva e identitária.

Essa sobreposição entre o vivido e o representado desperta respostas emocionais diversas e intensas, como se vê em declarações espontâneas do tipo “Ai meus olhos!” ou na evocação direta do espaço doméstico ancestral “Nossa, isso lembrou muito a casa da minha vó quando eu ia lá para o interior dela”. Elementos simples, como o ato de “fazer chazinho”, funcionam como gatilhos potentes de nostalgia e pertencimento, revelando que a narrativa audiovisual ultrapassa a função informativa ou documental, atingindo camadas mais profundas da memória afetiva.

As reações fisiológicas e verbais também observadas, como por exemplo, “Me arrupiei”, “Saudade de casa, eu acho” ou ainda “Olha, se emocionou! Até saudade de casa”, são indicativos claros de que o filme mobiliza os sentidos por sua essência íntima e relacional, e não por artifícios espetaculares. A evocação dessa "saudade de casa", mesmo em um espaço público e deslocado do ambiente doméstico, reafirma a potência da narrativa em instaurar um vínculo direto com o universo memorial de cada espectador, evidenciando que os saberes e os fazeres ali representados se articulam como dimensões inseparáveis da construção identitária. A partir disso, a publicação possui 434 curtidas, 123 compartilhamentos e 88 comentários, dentre eles elogios e parabenizações pelo projeto.

Figura 36 – screenshot da capa do reels



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Prosseguindo para a análise da segunda prévia do mini documentário, observamos Dona Jovita em movimento, colhendo ramos que servirão tanto para preparar chás quanto para a benzeção. Ao mesmo tempo, o vídeo mostra a movimentação constante de pessoas indo até sua casa em busca de cura e proteção, evidenciando o papel social que ela desempenha em sua comunidade. Esse aspecto visual reforça a centralidade da rezadeira como figura de acolhimento e poder simbólico, cuja casa se torna também um espaço sagrado.

Contudo, o momento mais marcante, e que deve ser destacado como característica singular e simbólica no mini documentário, é o pedido de bênção feito por uma criança a Dona Jovita. A menina se aproxima e diz: “*Bença*”, ao que Dona Jovita responde: “*Deus te abençoe*”. Essa breve interação carrega um peso simbólico imenso, tratando-se de uma prática que, embora simples, carrega em si toda uma cosmovisão baseada no respeito aos mais velhos. Um frame que é frequente na produção dos audiovisuais.

Essa cena, portanto, transcende o registro documental, ela opera como um ato performativo de memória, de respeito e de continuidade cultural. Em termos de discurso, o momento reforça a ideia de que a ancestralidade não é apenas um tema de reflexão, mas algo que se atualiza no gesto, na fala e na relação entre pessoas. O documentário, ao destacar cenas como essa, não apenas narra histórias, mas (re)constrói um espaço de escuta e reconhecimento daquilo que, durante muito tempo, foi invisibilizado. Com isso, a publicação possui 654 curtidas, 109 compartilhamentos e 94 comentários elogiando a persona de Dona Jovita.

Figura 37 – screenshot do discurso de Tarso referente ao dia de São Sebastião



Fonte: Acervo perfil @benca_docs

Já no dia 21 de janeiro de 2025, Tarso compartilha na descrição de um vídeo, um relato pessoal alusivo ao dia de São Sebastião, que vem acompanhado de uma cena de Dona Jovita conduzindo uma oração em formato de canção em grupo. O discurso de Tarso, iniciando com a invocação "São Sebastião, livrai-nos da peste, da fome e da guerra!", estabelece de imediato um tom que transcende a mera celebração religiosa. É uma oração ancestral e visceral, um eco das súplicas que, historicamente, comunidades inteiras proferiam diante de calamidades. Essa abertura conecta o texto a uma profunda memória coletiva de resistência e sobrevivência,

ressaltando a relevância duradoura de desafios que, apesar de históricos, ainda ressoam em contextos contemporâneos. A escolha do santo, um "mártir cristão, o santo da resistência e da devoção", alinha-se perfeitamente à própria essência do projeto "Bença", que busca resgatar e valorizar a resiliência e a persistência da fé popular, muitas vezes desconsiderada pelas narrativas hegemônicas. Ao destacar a "resistência" e a "devoção", Tarso projeta no santo arquétipos de fortaleza que são intrínsecos à vida e à cultura do sertão.

A fonte do conhecimento sobre São Sebastião revelada por Tarso é um ponto crucial para entender sua proposta, "Aprendi sobre ele nas histórias de Dona Jovita, durante as gravações de @bença_docs." Essa frase valida a metodologia e o cerne do "Bença", afirmando que o saber popular, transmitido pela oralidade de figuras como Dona Jovita, constitui uma fonte legítima e vital de história e cultura. A narrativa do santo não emerge de tratados teológicos ou arquivos acadêmicos, mas do fluxo vivo da memória oral, uma forma de que o projeto "Bença" se empenha em registrar e amplificar, resgatando o que está ausente dos registros históricos formais.

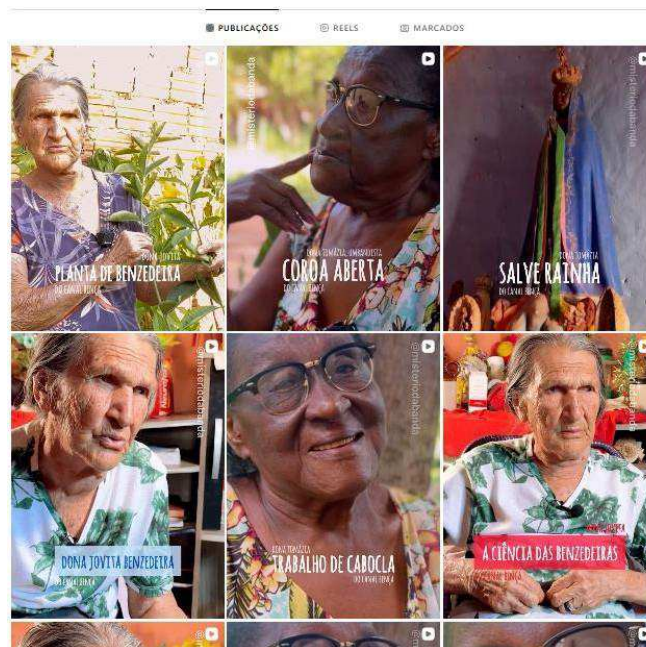
Mais profundamente, o discurso desvela uma jornada pessoal de Tarso, que afirma, "Confesso, fui cético por tempos. Mas há algo em mim que mudou." Essa passagem não é uma simples nota pessoal é a revelação de uma transformação interna que alinha o criador à sua própria criação. A atribuição dessa mudança ao seu nome, Paulo de Tarso, e a comparação com "o apóstolo que um dia descrente se tornou anunciador", é uma metáfora poderosa. Tarso se vê não apenas como um documentarista, mas como alguém que foi tocado e transformado pela "força da crença" que encontrou no sertão. Essa transformação não é necessariamente dogmática, mas uma adesão à validade e ao poder da espiritualidade e da fé popular como elementos constitutivos da identidade e da resiliência de um povo. Sua atração pela "força da crença" demonstra que seu projeto possui força política e reconhecimento da ancestralidade.

A síntese que Tarso oferece do sertão é de uma beleza e profundidade marcantes "O sertão é místico. O sertão tem fé. O sertão é história viva." Essa tríade eleva a experiência do povo nordestino, um patamar que transcende a geografia e a socioeconomia. O "místico" e a "fé" são reconhecidos como dimensões intrínsecas, muitas vezes incompreendidas, da vivência nesse ambiente. Ao declará-lo "história viva", Tarso ressalta que o sertão não é um mero cenário de eventos passados, mas um espaço onde a história pulsa e se manifesta continuamente nas práticas, nas crenças e na resistência de sua gente. Essa perspectiva, busca problematizar as camadas de fé, persistência e identidade que moldam esse território e o povo nordestino.

A conclusão do discurso, é um convite direto "Que saibamos celebrar, em todas as formas, essa fé que nos atravessa nos une, e nos fortalece" é um apelo poderoso ao

reconhecimento e à valorização. O imperativo "que saibamos celebrar" estende a responsabilidade da memória e da valorização a todos, reiterando que a fé, em suas múltiplas expressões, é uma força dinâmica. Ela não só atravessa a existência individual, permeando-a de significado, como também nos une, criando laços comunitários e identitários, e nos fortalece, conferindo resiliência diante dos desafios. Em sua totalidade, este discurso de Tarso é uma peça central para a compreensão da alma do projeto "Bença". Ele demonstra que a fé popular e suas narrativas são fontes inestimáveis de conhecimento e identidade, e que o formato audiovisual é o veículo ideal para que essa memória viva continue a permear, unir e fortalecer as gerações, consolidando o projeto como um farol na historiografia contemporânea.

Figura 38 – screenshot do feed do perfil @bença_docs



Fonte: Acervo perfil @bença_docs

Dessa forma, ao longo da análise do perfil @bença_docs, foi possível perceber como Tarso Tapety articula elementos da memória e da ancestralidade, valendo-se das potencialidades comunicacionais do Instagram. A plataforma não é apenas meio de divulgação, mas torna-se um espaço de (re)construção afetiva, cultural e identitária. O uso intencional de vídeos curtos, falas carregadas de emoção e registros do cotidiano dessas mulheres revela uma escolha estética e política, preservar, honrar e visibilizar um saber ancestral muitas vezes silenciado.

As publicações analisadas evidenciam não apenas a valorização das práticas de cura e fé, mas também a tentativa de reinscrever essas mulheres como figuras centrais de uma memória coletiva. Mesmo as postagens que consistem em recortes do documentário original

contribuem para essa proposta, pois permitem que fragmentos significativos do conteúdo audiovisual ganhem nova circulação e alcancem diferentes públicos no ambiente digital.

Em suma, o perfil @benca_docs funciona como um verdadeiro espaço de (re)construção e veiculação de memórias ancestrais. Ao pesquisar, selecionar, editar e publicar esses conteúdos, Tarso atua não apenas como sucessor, mas como mediador e curador de um legado, estabelecendo pontes entre o passado e o presente, entre o íntimo e o coletivo, entre a tradição oral e os meios digitais contemporâneos.

ENTRE O QUE FICA E O QUE SE TRANSFORMA...

Este trabalho, para além da criticidade histórica, é concebido a partir de concepções próprias da autora que o escreve. Desde os primórdios da graduação, sempre tive curiosidade pôr a História das Religiões, pela espiritualidade e pela ancestralidade. E com o passar de leituras, debates e orientações, percorri um caminho que começou com a curiosidade de folhear livros sobre a escravidão e se transformou em um percurso de pesquisa que conectou tudo aquilo que me chamava e, de certa forma, me escolheu, preenchendo às linhas desta monografia.

Desta forma, fica evidente neste trabalho a escolha por entrelaçar novas áreas historiográficas, como a História Digital, com estudos já consolidados nos estudos históricos, como a ancestralidade. Bem como, o manuseio de fontes nascidas digitalmente, neste caso as publicações do perfil @bença_docs no Instagram. Essa articulação permite investigar de forma aprofundada a análise interna e externa das fontes, expandindo as possibilidades de análise histórica. Importante destacar que a realização deste estudo foi viabilizada graças às contribuições da Escola dos Annales, cuja perspectiva metodológica enfatiza a análise de estruturas sociais e culturais, e dando visibilidade a sujeitos históricos.

No tocante ao conceito de “memória” para a historiografia, sendo ressignificado quando aplicado no ambiente digital, este trabalho entende que a memória não se restringe à preservação de fatos do passado, mas se constrói de forma ativa e contínua, mediada por tecnologias que ampliam a circulação, a veiculação e o registro das lembranças. Dessa forma, evidencia-se como esse espaço virtual funciona como uma extensão da resistência cultural, especialmente na difusão de saberes ancestrais que correm o risco de se perder com o tempo.

A análise do perfil @bença_docs mostrou como um projeto virtual pode, inicialmente, nascer de um objetivo pessoal e, a partir da leitura atenta do discurso de Tarso, presente em quase todas as publicações, abrir-se para questões mais amplas, indo além do significado literal da palavra “bença”. Nesse processo, observou-se uma verdadeira ressignificação de conceitos, especialmente sobre como a memória é aplicada e reelaborada no ciberespaço, e de que forma conhecimentos interdisciplinares, vindos da Historiografia, da Comunicação e dos estudos de Memória, se entrelaçam para compreender essa experiência.

O ambiente digital, embora possua características próprias e humanas, transita entre a efemeridade e a lugares de expressão, mas também apresenta riscos, como o abuso sexual infantil e juvenil. Ao mesmo tempo, pode ser considerado um espaço de resistência, no combate à desinformação, à violência verbal, psicológica, sexual e econômica. Neste contexto, este trabalho evidencia que, mesmo diante da perda de valores ancestrais, como os saberes de

benzedoras e rezadeiras, o ambiente digital pode funcionar como um espaço de veiculação e circulação de memórias e histórias, permitindo que saberes ancestrais, muitas vezes ameaçados de esquecimento, alcancem novas gerações e se consolidem como parte viva da cultura contemporânea.

Dessa forma, retomo a indagação que acompanhou o trabalho desde o início. O ambiente digital está fundindo – se de maneira célere a mente e ao corpo humanos, tornando-se uma extensão inseparável de nossas experiências, ou estaria se configurando como uma dimensão paralela, exterior, que redefine por completo nossa relação com o passado? Essa pergunta permanece aberta, pois não se trata de um dilema resolvido, mas de um campo de investigação em contínua transformação.

Por fim, concluo o meu trabalho, com o intuito de inspirar todos aqueles que se interessam por novas questões teóricas e metodológicas, mas sobretudo, aprofundar pesquisas que realizem a fusão entre a historiografia digital e a ancestralidade, como forma de enfrentamento ao esquecimento de práticas culturais. E para finalizar, cito a Historiadora que se tornou minha guia para essa pesquisa, Anita Luchessi (2022):

[...] a ‘historiografia digital’ deva ser incorporada ao fazer cotidiano de cada historiador que utiliza a internet em seu trabalho. A internet, aliás, não necessita ser vista apenas como uma ferramenta para ser usada somente episodicamente quando necessária devido a falta de ‘recursos’ pelas vias mais convencionais aqui chamadas de tradicionais. Não se trata de substituir ou sobrepor uma forma de pesquisa a outra (método tradicional e método novo, digital), trata – se de compreender que enfim, não podemos mais escapar a fatalidade que é ter a internet como aliada em nosso trabalho. (LUCHESSI, 2022, p. 52)

REFERENCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDRADE, Débora El-Jaick. Redes sociais e história digital. Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC. Belém/PA, n. 44.
- BARROS, José D'assunção(org.). **História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. ISBN 978-5713-438-2.
- BERMAN, M. **Tudo que é solido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. [s.l.] Editora Schwarcz Ltda., 1982.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. [s.l.] Jorge Zahar, 2002.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.
- CEZARINHO, F. A. **História e fontes da internet: uma reflexão metodológica**. Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 26, V. 10, N. 1, 21 maio 2018.
- CHALHOUB, Sidney(org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**/ DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **As artes de curar nos tempos de cólera. Recife, 1856**. Campinas, SP; Editora da Unicamp, 2003.
- DA SILVA, K. S. **Instagram como lugar de memória**. Scientiarum Historia, 2020, v1:e259, 4 maio 2021.
- DE NADER, M. F. M. R. V. **Museu de mim: o instagram e o legado memorialístico**. Revista Scientiarum Historia, 2019, 1(1): e046 , 12 dez. 2019.
- DODEBEI, V. **Memórias mediadas: histórias de vida de objetos**. Études de Communication, p. 111–130, 1 de dezembro de 2021.
- ECKEL, Andressa Josiane. **A Prática do benzimento e o uso de ervas medicinais na comunidade Rio da Areia de Baixo - Mafra (SC)**. 2020.
- HERRING, Susan C. (2001). “**Computer-mediated discourse**”. In: Schiffrin, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (eds.). The Handbook of Discourse Analysis. Oxford, Blackwell Publishers, p. 612-634. Disponível em: . Acessado mar. 2013.
- LANGLOIS, C. H. V.; SEIGNOBOS, C. H. **Introdução aos Estudos Históricos**. [s.l: s.n.].
- LEMBKE, Anna. **Nação dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar**/Anna Lembke; tradução Elisa Nazarian. – 1. Ed. –São Paulo: Vestígio, 2022. Título original: Dopamine Nation: Finding Balance in the Age of Indulgence. ISBN 978-65-86551-71-6
- LUCCHESI, Anitta. **História, internet e novas mídias: preocupações e questionamentos para historiadores do século XXI**. 1. ed. Recife: Edupe, 2022. ISBN 978-65-86413-72-4.

Marin, R.C.; Scorsolini-Comin, F. **DESFAZENDO O “MAU OLHADO”: MAGIA, SAÚDE E DESENVOLVIMENTO NO OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS**. *Psicologia: Ciência e Profissão* Abr/Jun. 2017 v. 37 n°2, 446-460. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002352016>

RECUERO, R; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”**. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

SILVA, O. Ilaydiany. **A MEMÓRIA SOCIAL REGISTRADA NO FACEBOOK**. *Revista Conhecimento em Ação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan/jun. 2016.

VAN DIJCK, J. **Mediated Memories in the Digital Age**. [s.l.] Stanford University Press, 2007.

VITALI, Stefano. **Rappresentazioni Della Storia e del Passato Nella Rete**. *Archivio di Stato*, Firenze. Nov. 2005.

WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FONTES VIRTUAIS E DIGITAIS

A febre do digital na história: uma anamnese. UFRRJ, H. 5 jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g1RrGagQG_A&list=PLex1B_H2TwWKyQ1ky-oozII7KpaBgGPX5&ab_channel=HISTORUFRRJ – Acesso em: 8 fev de 2025

A história das redes sociais – História da Tecnologia. TecMundo, , 27 jul. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KzptEoZXuFg&ab_channel=TecMundo – Acesso em: 14 de maio 2025

A História do Instagram - TecMundo. TecMundo, , 21 maio 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X02csKPPfbA&ab_channel=TecMundo – Acesso em: 14 maio 2025

Como trabalharemos com a história no futuro? Arquivo e memória, ensino e debate na era digital. IFCH - UNICAMP, , 27 ago. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2Yih9LIT1h8&list=PLex1B_H2TwWKyQ1ky-oozII7KpaBgGPX5&index=5&ab_channel=IFCH-UNICAMP

DE TARSO TAPETY, P. ET AL. **Bença - Dona Jovita Borges**. Brasil, 20 nov. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=80Vt2pKPq-g&ab_channel=Ben%C3%A7a – Acesso em 28/05/2025

DE TARSO TAPETY, P. et al. **BENÇA - Dona Tomázia**. Brasil, 13 maio 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gMAqZjlLD3k&t=1s&ab_channel=Ben%C3%A7a – Acesso em 28/05/2025.

Fé na Reza - Documentário. Fé na Reza_DOC, , 05 abril de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wVNa2_Du7GM&t=1838s&ab_channel=F%C3%A9NaReza_DOC – Acesso em: 23 fev. 2025

História Digital | Anita Lucchesi | Universidade de Luxemburgo. Café História TV, , 23 dez. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nUFSKQy4NSo&list=PLex1B_H2TwWKyQ1ky-oozII7KpaBgGPX5&index=3&ab_channel=Caf%C3%A9Hist%C3%B3riaTV

História Digital | Anita Lucchesi. História da Ditadura. 24 maio 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q17Gcz5J9So&list=PLex1B_H2TwWKyQ1ky-oozII7KpaBgGPX5&index=2&ab_channel=Hist%C3%B3riaDaDitadura – Acesso em: 18 fev. de 2025

História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. ANPUH RR, 10 nov. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U85yWesexHo&t=6008s&ab_channel=ANPUHRR – Acesso em: 20 abril de 2025

Introducing Meta: A Social Technology Company. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2021/10/facebook-company-is-now-meta/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

O Dilema das Redes. NETFLIX. 2022.

Pavulagem. Spotify; Programa Sound Up Brasil; Trovão Mídia, , 23 jun de 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0IixtNTZ2OvtW0ldsu6OnC?si=18bbdf22d9214453> – Acesso em: 28 mai de 2025

RODRIGUES, J. 95 estatísticas de Redes Sociais para conhecer em 2025. Disponível em: https://www.rdstation.com/blog/marketing/estatisticas-redes-sociais/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 4 jun. 2025.

Vidas Negras. Spotify. 04 de nov de 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0qycUnfp92MidYXzMC8t0W?si=18c6bad7885b4390> – Acesso em: 28 mai de 2025.